



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V - MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

ÂNGELA REGINA CABRAL SOUTO

**O DIALOGISMO ENTRE A ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO E A
ARQUIVÍSTICA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE CONSTRUÇÃO DO
WEBSITE DO PROJETO SESA**

JOÃO PESSOA

2018

ÂNGELA REGINA CABRAL SOUTO

**O DIALOGISMO ENTRE A ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO E A
ARQUIVÍSTICA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE CONSTRUÇÃO DO
WEBSITE DO PROJETO SESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Arquivologia, do Centro de Ciências Biológicas Sociais e Aplicada- CCBSA, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Arquivologia.

Área de concentração: Arquivologia e Sociedade

Linha de Pesquisa: Arquivo, Linguagem e Memória

Orientadora: Profa Dra Eliete Correia dos Santos

JOÃO PESSOA

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725d Souto, Angela Regina Cabral.

O dialogismo entre a arquitetura da informação e a arquivística [manuscrito] : uma proposta metodológica de construção do website do projeto SESA / Angela Regina Cabral Souto. - 2018.

61 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos, Coordenação do Curso de Arquivologia - CCBSA."

1. Arquitetura da Informação. 2. Arquivística. 3. Website do Projeto SESA. I. Título

21. ed. CDD 025.04

ÂNGELA REGINA CABRAL SOUTO

O DIALOGISMO ENTRE A ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO E A ARQUIVÍSTICA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE CONSTRUÇÃO DO WEBSITE DO PROJETO SESA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Arquivologia, do Centro de Ciências Biológicas Sociais e Aplicada- CCBSA, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Arquivologia.

Área de concentração: Arquivologia e Sociedade

Linha de Pesquisa: Arquivo, Linguagem e Memória

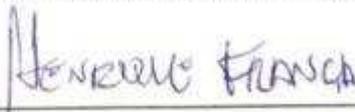
Aprovada em: 04/12/2018.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Drª. Eliete Correia dos Santos
(Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Henrique Elias Cabral França
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha mãe, Bernadete Cabral, por todo o ensinamento, amor e carinho que dedicou a mim em vida, por ter me ensinado que o conhecimento é uma riqueza inesgotável, sendo para sempre o meu maior exemplo e guia.

À minha irmã, Isabelly Cristine, pela cumplicidade e fortaleza durante essa jornada.

Ao meu pai, Cristovão Geyzer, por sempre estar ao meu lado em todas as minhas decisões, com amor.

Às minhas avós Angela Chaves e Benedita Cabral, pelo doce amor de vó.

Às minhas fadas madrinhas do coração, Ana Neri e Luzia Ana, às tias Ângela Merece, Maria Joadiva, Ana Cabral, Maria de Paula, Maria da Glória, Italmira, Izabel, à minha prima Daniele Alves e todos os familiares, pela união, carinho e inspiração.

Também gostaria de agradecer, em especial, à professora Eliete Correia, pelas orientação, confiança e atenção que fizeram dessa pesquisa uma vivência construtiva, a qual me atribuiu conhecimentos para o resto da vida.

À UEPB e ao campus V, seu corpo docente, direção e administrativo que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior. Aos professores Ramsés e Henrique por terem aceitado participar da banca e pelo apreço que construímos durante a graduação.

Agradeço a minha chefe Chris Guedes, pela confiança e suporte, igualmente aos meus colegas de trabalho, Samara Helena, David, Romualdo Carvalho e João Rodrigues.

Ao meu namorado Jhony Andrade, pelo companheirismo e carinho.

Às minhas amigas, Adriana Soares, Luzia Costa, Priscila Maia, Vitória Carvalho e Ludmila Cardoso pelo auxílio e amizade, igualmente, aos amigos Jhowbert Yuselff, Matheus Silomar, Mariana Rodrigues e Alex Brito. A todos, o meu imenso carinho e saudosa alegria.

RESUMO

Na Arquivologia, discussões a respeito da Arquitetura da Informação são geralmente presentes quando nos reportamos a organização da informação no ciberespaço. Porém, pouco é discutido efetivamente sobre as particularidades dessa disciplina, como se dar a organização das informações em websites e se de fato a convergência entra a Arquivologia e a Arquitetura da Informação é possível. Tendo em vista essas observações, o objetivo geral desta pesquisa, é analisar o diálogo entre a Arquivística e a Arquitetura da Informação para propor uma metodologia de construção do *website* do projeto de pesquisa e extensão da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Projeto SESA (Seminário de Saberes Arquivísticos). Para isso, utiliza-se o Método Quadripolar proposto por Malheiros (2013) para Ciência da Informação e áreas afins como metodologia de pesquisa de viés multilateral. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva, de natureza qualitativa, desenvolvida por meio da inserção do saber na revisão da literatura, utilizando-se como base, as metodologias sobre a Arquivística, a exemplo de PAES (2004) e na Arquitetura da Informação, com os estudos de Morville e Rosenfeld (2006), entre outros. Os dados analisados apontam que o diálogo entre a Arquitetura da Informação e a Arquivística se convergem ao que diz respeito a suas características de trajetória histórica, científica e metodológica, propiciando o desenvolvimento da nossa metodologia na elaboração do *website* do projeto SESA que se caracteriza por três passos: Pesquisa; Análise e Plano de Arquitetura da Informação; Implementação e Administração. O primeiro, a Pesquisa, é subdividida em três etapas: A) Levantamento Histórico, Administrativo e de Expectativas, B) Mapeamento de usuários e C) Benchmark. Essa proposta procurou promover uma metodologia voltada ao acesso facilitado da informação, onde a compreensão responsiva dos usuários no *website* seja protagonista para uma eficiente arquitetura informacional. Portanto, concluímos que a construção do conhecimento, na disciplina de Arquitetura da Informação, tem muito a oferecer a Arquivologia no que diz respeito a novas perspectivas de uso e organização da informação voltadas a um campo ainda não tão explorado por essa ciência, o ciberespaço. Como também, a Arquivologia tende a oferecer aspectos relevantes à disciplina de Arquitetura da Informação, com relação ao fortalecimento de suas metodologias para uma melhor organicidade da informação nos websites, seu uso e acesso facilitado.

Palavras-Chave: Arquitetura da Informação. Arquivística. Website do Projeto SESA.

ABSTRACT

Some discussions in Archival Science have been considered in relation to Information architecture through data organization in cyberspace. Even though it is hardly discussed about the singularities from this discipline and how data organization work in websites, and if it is possible convergence between Archival Science and Information architecture. Taking into account these observations, this research aims to analyse the dialogue between Archival Science and Information architecture and propose a methodology to make a website from the research and extension project at the State University of Paraíba and SESA project (Archival Studies Seminar). For this purpose, it uses quadripole method proposed by Malheiros (2013) for Information Science and related areas as a multilateral research methodology. This is a bibliographic, exploratory, and descriptive research with a qualitative exploration developed through literature review about Archival Science, such as Paes (2004) and Information architecture with the studies of Morville and Rosenfeld (2006) and so on. The data collection indicates that the dialogue between Archival Science and Information architecture converges with regard to its historical, scientific, and methodological characteristics, providing the development from our SESA website methodology into three stages: research; information architecture plan and analysis; implementation and administration. The first part of the research is subdivided into three levels: historical, administrative, and expectation survey, users mapping and Benchmark. This proposal sought to promote a methodology aimed at facilitating the access of information, where the responsive understanding of users on the website is the protagonist for an efficient informational architectonic. Therefore, it concludes that the construction of knowledge in Information architecture discipline have much to add in Archival Science in relation to the new perspectives of the data use and organization focussed on cyberspace not much explored for this Science for now. The Archival Science tends to provide relevant aspects for Information architecture discipline according to its methodology strengthening for a better information organicity, use and easy assessment in websites.

KEYWORDS: Information architecture. Archival Science. SESA Project Website.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA QUADRIPOLAR DA PESQUISA	10
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO SESA	12
3 O DIALOGISMO ENTRE A ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO E A ARQUIVOLOGIA	17
3.1 TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO DO FILÓSOFO BAKHTIN NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	17
3.2 ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO E ARQUIVÍSTICA: A HISTÓRIA SE REPETE.....	20
3.3 DIÁLOGOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO E ARQUIVÍSTICA	26
3.3.1 Ciência da Informação	26
3.3.2 Metodologias, Métodos e Diálogos	29
4.1 PESQUISA.....	35
4.2 ANÁLISE E PLANO DE ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO	40
4.3 IMPLEMENTAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	58

1 INTRODUÇÃO

“[...] as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.”
(Bakhtin/Volochínov, 1929/1981, p. 41)

Na Arquivologia, discussões a respeito da Arquitetura da Informação são geralmente presentes quando nos reportamos a organização da informação no ciberespaço e a possível participação do arquivista nesse nicho profissional, já que a metodologia da organização dos arquivos para a arquivística se assemelha com as técnicas utilizadas pelos arquitetos de informação na organização das informações dentro dos sites e plataformas digitais (LUZ, 2015, p.47). Entretanto, pouco se explora sobre esse possível diálogo entre as duas áreas de forma mais aprofundada para se discutir até que ponto a Arquivística pode realmente contribuir para a gestão da informação na arquitetura informacional de websites ou qualquer outra plataforma digital.

Durante a nossa formação no curso de graduação em Arquivologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em esporádicas reflexões na sala de aula, congressos ou rodas de conversas, percebeu-se a frequente menção ao fato da semelhança entre Arquitetura da Informação e a Arquivística e que este aspecto apresenta uma promissora oportunidade de atuação profissional. Entretanto, pode-se sentir que as afirmações não se aprofundaram e que essa falta do aprofundamento da área no tocante ao tema nos provocou inquietações com relação às funções do Arquivista ou o auxílio da Arquivologia dentro da construção de websites de maneira mais concreta, justamente por não ter sido de fato explanado, nos ambientes de discussões do tema, o que seria a Arquitetura da Informação, o que cabe quanto às funções de um arquiteto da informação em ambientes digitais e, principalmente, como o arquivista poderia de fato atuar neste âmbito, quais seriam os métodos utilizados por ele em todas as etapas de organização da informação e se já existem profissionais atuantes nessa área.

Com a nossa participação no projeto de pesquisa SESA (Seminário de Saberes Arquivísticos), da UEPB, surgiu a oportunidade de promover a difusão do Projeto na internet por meio da criação de um website, foi quando retornamos à lacuna que tínhamos sobre a interdisciplinaridade entre Arquitetura da Informação e a Arquivística na organização da informação dentro dos sites. Portanto, decidimos ir em busca de respostas sobre o tema na literatura acadêmica das áreas de Arquivologia, Arquitetura da Informação e, de modo geral, na ciência a qual essas duas se fundamentam, Ciência da Informação. Encontramos alguns artigos e teses que conceituam essas áreas do conhecimento e discutem suas terminologias, porém apenas um artigo científico de Adolfo e Silva (2016), cujo o título A ARQUIVÍSTICA E A ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR, aborda especificamente a relação entre a Arquivística e a Arquitetura da Informação, embora foi possível notar que o assunto ainda é pouco aprofundado e se detém apenas a definições terminológicas, preservando a existência de algumas lacunas sobre o tema, o que é previsto pelas autoras, quando concluem o estudo enfatizando que a admirável relação entre a Arquitetura da Informação e Arquivística ainda é pouco investigada como deveria, devido à escassez de estudos que contemplem essa interação de forma concreta.

Diante disso, enxergamos que a superficialidade sobre o assunto não cabia só ao nosso conhecimento, cabia também à academia e aos profissionais das duas ciências, sendo necessária a elaboração de conhecimentos mais aprofundados sobre esse diálogo entre a Arquivística e a Arquitetura da Informação (AI). Desta forma, dá-se a justificativa pela nossa busca do conhecimento para a realização desta pesquisa no intuito de desvendar a problemática: Como pode acontecer o diálogo entre a Arquitetura da Informação e a Arquivística na construção da interface informacional de websites?

O objetivo geral é analisar o diálogo entre a Arquivística e a Arquitetura da Informação para propor uma metodologia de construção do *website* do projeto do projeto de pesquisa e extensão da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Projeto SESA (Seminário de Saberes Arquivísticos). Cabendo, como objetivo específico desta pesquisa, explorar o estudo do dialogismo entre a Arquitetura da Informação e a Arquivística no intuito de possibilitar a construção do conhecimento na temática e a formulação de uma proposta metodológica para a

elaboração do website SESA com base nas metodologias utilizadas em ambas as áreas, expondo, por fim, as dificuldades encontradas no percurso.

Essa pesquisa se caracteriza por uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva, de natureza qualitativa no campo da Ciência da Informação, mais especificamente às duas áreas do conhecimento desta ciência, Arquivologia e Arquitetura da Informação, objetos de estudo desta pesquisa para a proposta de uma metodológica voltada à organização da informacional do futuro website SESA.

Utilizando-se do Método Quadripolar proposto por Malheiro (2013) como metodologia de trabalho, essa pesquisa de viés multilateral que tem como suporte o diálogo da transdisciplinaridade proposta pela Ciência da Informação e suas derivações, encontra suporte metodológico, nessa perspectiva, apresentado na próxima seção.

Para tanto, atribui-se a este estudo a organização da seguinte estrutura: Esta Introdução, composta pela justificativa, pergunta problema e objetivos. Metodologia utilizada, apresentada no capítulo 2, a partir dos quatro polos: epistemológico, teórico, técnico e morfológico.

O capítulo 3, Diálogo Entre a Arquivologia e a Arquitetura da Informação, está subdividido em três subseções. Primeiramente, procuramos conceituar a palavra Dialogismo através da teoria dialógica do discurso do filósofo Bakhtin ([1929]1995), no intuito de estabelecer a construção da interdisciplinaridade do conhecimento através do diálogo para, em seguida, propiciar o aprofundamento do diálogo entre a Arquitetura da Informação e Arquivística, na comparação do desenvolvimento de ambas as áreas em suas trajetórias histórica.

No capítulo 4, comparamos os aspectos teórico-metodológicos utilizados pelo nosso objeto de estudo (Arquitetura da Informação e Arquivística) do planejamento à organização da informação, tendo como base autores das duas áreas do conhecimento, a exemplo de Paes (2013), Castells (1942), Ferreira e Reis (2008), entre outros. Por fim, apresentamos a proposta metodológica de construção do *website* do Projeto SESA nessa mesma seção, baseada na apresentação da Arquitetura da Informação construída através do diálogo entre a Arquivística e a Arquitetura da Informação, seguido de nossas Considerações Finais (capítulo 5), na qual procuramos expor as dificuldades encontradas no processo de construção da proposta de Arquitetura da Informação do website e

a importância dessa pesquisa para o desenvolvimento do estudo na comunidade acadêmica e entre os profissionais desse âmbito .

2 METODOLOGIA QUADRIPOlar DA PESQUISA

[...]a metodologia qualitativa ou a dinâmica de investigação quadripolar, pensada para as Ciências Sociais, e proposta pelos belgas Paul De Bruyne, Jacques Herman e Marc De Schoutheete (1974), aparece como método aplicável à Arquivística e à Ciência da Informação [...] a chamar a atenção para a possibilidade de adoção dessa “prática metodológica” na investigação dos problemas e casos suscitados pela informação arquivística, biblioteconômica, documental, eletrônica ou digital.
(SILVA, 2014, p. 28)

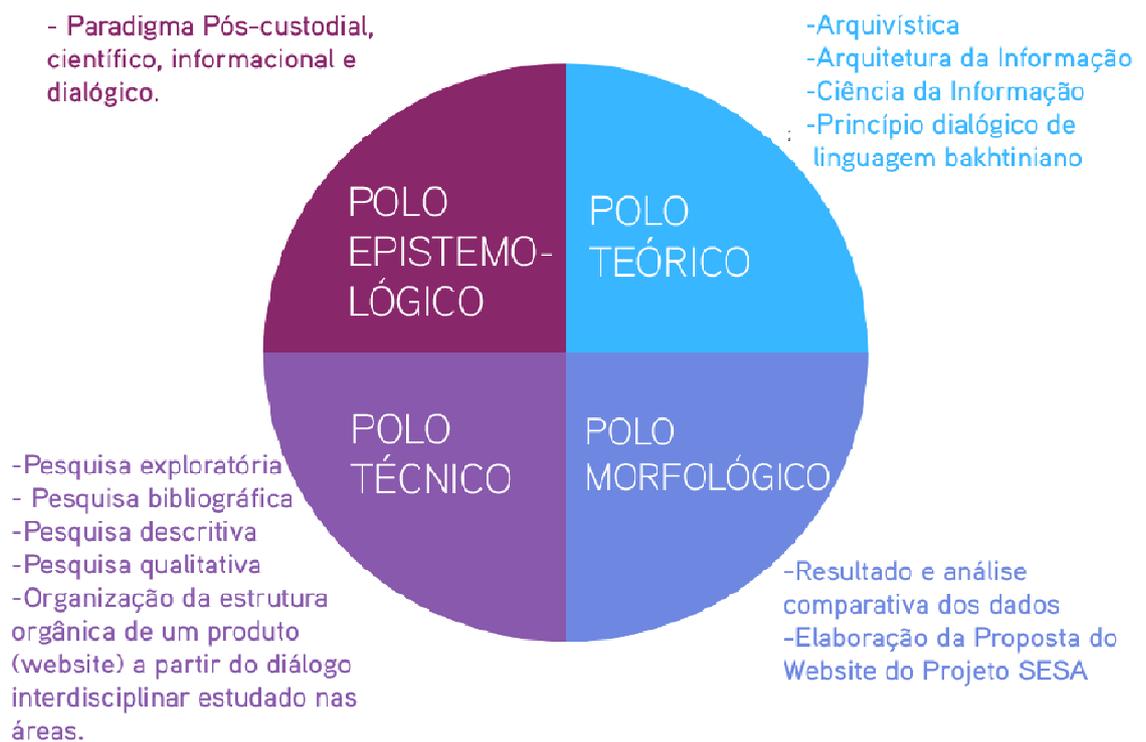
A pesquisa no campo das ciências sociais nem sempre foi fácil, o uso de metodologias positivistas do campo das ciências exatas e humanas muitas vezes não facilitam o aprofundamento no conhecimento dentro das pesquisas de ciências sociais devido à não unidimensionalidade dos temas abordados, levando em consideração a complexidade dessa pesquisa e a necessidade de maior aproveitamento de sua exploração, a metodologia quadripolar foi escolhida para sua elaboração, tendo em vista os benefícios de sua aplicabilidade que, segundo Silva (2013), define os quatro polos como:

- No polo epistemológico – o investigador assumir o paradigma em que está formado e dentro do qual prossegue seu trabalho de pesquisa.
- No polo teórico foi devidamente recortado o tema/problema escolhido.
- No polo técnico operacionalizam-se técnicas que surgem, com frequência, rotuladas de metodologias com destaque, por se ajustar à investigação em foco.
- No polo morfológico apresenta-se o produto desta investigação.

O ciclo é dinâmico de investigação, demonstra, desta forma, a espiral e a eficácia que o Método Quadripolar apresenta. Em nossa pesquisa, no polo epistemológico, assumimos uma perspectiva pós-custodial, científica,

informacional e dialógica como paradigma a ser prosseguido; no polo teórico, apresentamos a necessidade do diálogo entre Arquivística e Arquitetura da Informação, como também o conceito de uso e usuário e ampliamos com o princípio dialógico da linguagem em uma abordagem bakhtiniana; no polo técnico, fazemos uma pesquisa exploratória e bibliográfica para fazer o diálogo entre as ciências e organizar a estrutura orgânica do *Site* do Projeto SESA; no polo morfológico, apresenta-se a comparação dos conceitos investigados e o produto desta investigação, o *Website*, conforme podemos visualizar na figura 1:

Figura 1 – Esquema da Metodologia Quadripolar de investigação aplicada



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO SESA

Para Santos (2017, p.25) a tarefa de se redigir um texto e publicá-lo nas normas exigidas pela academia, seguindo um estilo de produção de linguagem científica, ainda impõe grandes desafios à maioria dos envolvidos com a produção do conhecimento em instituições dedicadas à ciência e educação. Esses desafios são frequentes principalmente aos alunos de graduação das universidades brasileiras e vem sendo cada vez mais preocupante; diversos fatores contribuem para esse quadro de dificuldades que desestimula a produção científica para muitos estudantes, limitando o desenvolvimento da ciência brasileira.

Tendo em vista essas dificuldades e buscando respostas em estudos já desenvolvidos na academia para sanar os problemas encontradas pelos alunos do ensino superior na produção textual, se aplicou ao curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) entre 2007 a 2010, um projeto piloto de ensino a gêneros acadêmicos aplicados nas disciplinas de Oficina de Texto I e II, o qual evoluiu nos anos seguintes a um projeto interdisciplinar chamado Seminário dos Saberes Arquivísticos (SESA), no intuito de promover uma experiência mais completa aos alunos de incentivo à produção acadêmica. Pois, nesse seminário, os alunos apresentam o que foi produzido durante o semestre das disciplinas de Oficina de Texto com o estudo dos diversos gêneros discursivos como resumo, resenha, diário de leitura, ensaio, artigo acadêmicos, entre outros.

Essas apresentações funcionam seguindo as diretrizes de apresentações de eventos acadêmicos, composto de exposições na modalidade de comunicação oral e de pôster, sendo esses trabalhos publicados internamente na universidade nos anais de cada semestre. O objetivo do Seminário dos Saberes Arquivísticos é integrar os alunos a uma prática acadêmica, independente de uma excelência de produção, tornando como intuito desse seminário, promover a experiência da leitura, produção e defesa de um conhecimento dentro do ambiente acadêmico. Já que, para a mudança do quadro de dificuldades encontrada na graduação por muitos alunos. é imprescindível, segundo Santos (2017, p. 29), que os alunos desenvolvam uma

relação com a realidade, de forma questionadora e reflexiva na construção do conhecimento dentro de um ambiente que o prepara para a vida.

Assim, a cada edição do SESA se tornou notória a todo o corpo docente do curso de Arquivologia da UEPB, a evolução das produções textuais dos alunos envolvidos nas atividades, trazendo a necessidade de o SESA se expandir dentro e fora da universidade a mais alunos, partindo para uma consolidação acadêmica. Hoje, o projeto SESA é reconhecido pelo MEC como um projeto de pesquisa e extensão, dotado de cooperações acadêmicas entre instituições.

O primeiro acordo surgiu em 2012 com a regulamentação da cooperação entre a Universidade do Porto (UP) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com o objetivo de estabelecer o intercâmbio de experiências e de pessoal no campo da investigação na área de Ciência da Informação e da Arquivologia (SANTOS, 2017). Mais tarde mais universidades se tornaram cooperadoras ao projeto.

Tabela 1: Instituições cooperadas do Projeto SESA

COOPERAÇÃO ACADÊMICA DO SESA	INSTITUIÇÕES
Instituições lusofônicas	Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão – ESEIG – Ciência da Informação Universidade do Porto – UP – Curso de Ciência da Informação Instituto Politécnico do Porto – IPP – Curso de Ciência da Informação Universidade de Coimbra – UC – Curso de Ciência da Informação Universidade de Brasília – UnB – Curso de Arquivologia
Instituições brasileiras	Universidade de São Paulo – IEB/ECA/USP – Curso de Especialização em Organização de Arquivos Universidade Estadual de Londrina – UEL – Curso de Arquivologia

União de Ensino Superior de Campina Grande – UNESC – Curso de Administração
Instituto Campinense de Ensino Superior – ICES – Curso de Administração
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB- Letras – Catolé do Rocha
Universidade Regional do Cariri – URCA – Curso de Letras
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB – Curso de Arquivologia
Universidade Estadual da Paraíba UEPB – Letras-EAD
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – Curso de Biblioteconomia
Universidade Federal Fluminense - UFF – Curso de Arquivologia

Fonte: Santos (2013)

Com a cooperação acadêmica o Projeto SESA segue se expandindo cada vez mais na busca pelo incentivo à produção científica através da capacitação da comunidade acadêmica, vendo, portanto, a necessidade da aproximação com os alunos uma realidade cada vez mais presente dentro do projeto para a realização de seus objetivos. Assim, surgiu a ideia da construção dos canais de comunicação e disposição das informações sobre o projeto na Internet, com uma proposta inicial de construção de um website que concentre essa necessidade e que conceda também uma preservação da memória do projeto na *web*.

Segundo Santos (2017), como objeto de pesquisa e de ensino, o SESA é baseado em uma perspectiva que defende a busca constante de conhecimento e nos leva a considerar as especificidades das disciplinas acadêmicas, e tendo em conta o ensino ou a pesquisa, obriga-nos a articular a análise dos conteúdos temáticos e da escrita com os vários espaços institucionais de produção do discurso, espaço acadêmico com os de pesquisa científica. Dentro desse contexto, na relação complexa entre a escrita universitária, conhecimento e

know-how adquiridos nas áreas, encontra-se a apropriação para localizar as intervenções pedagógicas. E, portanto, uma questão de apoiar os nossos alunos, através de transição para o letramento acadêmico, pois não há um comum para todas as disciplinas e compreensão de tipos de discurso, mas várias vertentes de estudo, conseqüentemente de produção de texto. Nesse sentido, é preciso considerar as conexões entre escrita e conhecimento em uma disciplina, bem como o papel epistemológico da área que o tema será desenvolvido porque a escrita e o objeto da escrita não podem ser separados, e a aprendizagem da escrita disciplinar terá de ser feita em ligação com o ensino da disciplina em si.

O projeto SESA, desde 2014, vem sendo submetido a vários editais de pesquisa e extensão a fim de conseguir recursos para a sua realização e bolsas para os alunos da UEPB. Atualmente, ele está cadastrado PROEXT-MEC- 2015, proposta aprovada com recurso. Essa proposta é a mais abrangente, pois articula a cooperação acadêmica, o ensino, pesquisa e extensão. Dois subprojetos contemplado no PROBEX e um no PROAPEX (sem recurso).

Quanto à pesquisa, o projeto Linguagem, Cultura e Memória: Investigando as Fronteiras do Projeto SESA está em andamento, recebeu recurso do PROPESQ-UEPB e contempla ações do PIBIC. A respeito do ensino, estende ações com o programa de monitorias da UEPB. Atualmente, foi contemplado com o recurso da FAPESQ até 2020. Assim, articula ações de pesquisa, ensino e extensão, como se observa no gráfico a seguir:

Organograma 1: Dimensões de ensino, pesquisa e extensão do Projeto SESA



Fonte: Adaptado de Santos (2017)

3 O DIALOGISMO ENTRE A ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO E A ARQUIVOLOGIA

“[...]compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente.” (Bakhtin/Volochínov, 1929/1981, p. 131-132)

Nesse capítulo, iremos tratar do diálogo entre a Arquivística e a Arquitetura da Informação na busca da construção do conhecimento. Embasando-nos na trajetória histórica dessas áreas, suas metodologias e na filosofia de Bakhtin sobre dialogismo como busca do conhecimento. Portanto, esse capítulo foi dividido em três tópicos, 3.1 *Teoria Dialógica do Discurso do Filósofo Bakhtin na Construção do Conhecimento*, 3.2 *Arquitetura da Informação e Arquivística: A História se Repete* e 3.3 *Diálogos Teórico Metodológico da Arquitetura da Informação e Arquivística*.

3.1 TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO DO FILÓSOFO BAKHTIN NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

O uso da palavra ou da língua na formação do discurso, seja qual for a sua temática, tende a atribuir ao autor do discurso características a partir do que está sendo posto no enunciado. Pois, a construção de um discurso não nasce de forma isolada, ela se baseia em diversos fatores que constituem essa construção do locutor, o aspecto histórico-social, as experiências pessoais, a absorção de discursos de outros e o direcionamento do enunciado ao contexto do interlocutor. A todo esse movimento da formação do enunciado do discurso, se conceitua o dialogismo, que assim como aponta Souza (2003, p.42 apud BESSA; PINTO 2011, p. 148):

Pensar em dialogismo é pensar em descentralização do sujeito, do falante, ao mesmo tempo em que pensamos em sua historicização, em sua constituição axiológica. O sujeito do discurso se constitui, portanto, no e pelo discurso, nas práticas sociais, no diálogo social que trava com os outros discursos e com seus possíveis interlocutores.

O termo dialogismo se fundamenta nos estudos do filósofo russo Mikhail Bakhtin, que tem como princípio fundamental da língua o diálogo e a polifonia da

palavra. Para Bakhtin (2010, 1999), é vital para a constituição do ser humano social e de suas noções, a presença de outros seres e o contexto em que esses se inserem. Conceituando o dialogismo, no enfrentamento de valores e colocações que proporcionam a diversificação de opiniões sobre assuntos específicos, Bessa e Pinto (2011, p.147), ao discorrerem sobre a enunciação dos diálogos à luz da teoria bakhtiniana afirmam que toda enunciação provoca uma resposta, objetiva uma reação, propõe concordâncias ou discordâncias.

Tendo em vista tal definição, compreende-se que a construção dialógica está diretamente ligada à construção do pensamento do indivíduo e da sociedade, promovendo como resultado desse dialogismo a expressividade de suas ideias através da linguagem. Convém lembrar o que diz Curado (2011), sobre a necessidade em ter a noção da linguagem como mediadora das relações do Homem consigo mesmo e com o seu meio, sendo a linguagem importante instrumento para o dialogismo, já que por meio desta construímos ou desconstruímos diálogos, pensamentos e conhecimento.

De acordo com Santos (2013), Bakhtin/Volochínov (1929/1981) expõe que a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes. Fatores históricos, sociais, situações e condições em que ocorrem a fala são incluídos nessa teoria sobre o funcionamento da linguagem e elabora o primado do dialogismo na linguagem, que passa a ser vista como sócio-ideológica, cuja unidade fundamental é o diálogo.

Bakhtin (2010) reflete essa relevância ao citar Karl Marx que dizia que só uma ideia enunciada em palavra se torna pensamento real para o outro e só assim para mim mesmo. Esse outro, porém, não é apenas o outro imediato (o destinatário segundo); a palavra avança cada vez mais à procura da compreensão responsiva. Dessa perspectiva, ninguém fala sozinho; quando falamos ou escrevemos é para alguém, em alguma circunstância social, assim, é que a palavra serve de ponte entre o locutor e o interlocutor no ato interativo. (SANTOS, 2013).

Santos (2013) enfatiza que, do ponto de vista bakhtiniano, a linguagem permeia toda a vida social e se atualiza na enunciação dialógica, cujo sentido é plurivalente e polissêmico no processo comunicativo entre indivíduos socialmente organizados na interação verbal. Provavelmente, esta é uma

contribuição aos estudos de uso e usuários, pois não se trata apenas de um emissor e um receptor, mas coloca em evidência, também, o comportamento dos interlocutores na interação.

Para essa autora, de acordo com Bakhtin, na visão dialógica, o locutor constrói seu enunciado em função do interlocutor, que tem um papel ativo, constitutivo na formulação dos enunciados. Visivelmente, é o outro (interlocutor) quem condiciona o que o locutor diz e, desse modo, ambos são colocados no mesmo plano. Inserir o locutor e o receptor no funcionamento da linguagem é admitir que o processo de compreensão não se limita à identificação de forma linguística.

Santos (2013) destaca que não é essencial a forma linguística enquanto sinal estável, mas o importante é a nova significação que essa forma obtém no contexto, o que permite a adequação do signo, sempre variável e flexível, conforme as condições de uma situação concreta dada.

Arboit e Guimarães (2013, p.10), ao explorar os aspectos dialógicos da teoria de Bakhtin na construção do conhecimento consideram que “por meio da linguagem, a informação é expressa, assimilada e transformada em conhecimento”. Portanto, o dialogismo vai além de apenas uma filosofia linguística para ser compreendido como componente indispensável para a construção do conhecimento, já que toda enunciação só pode ser concebida como produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, sendo a ela que devemos as mudanças semânticas.

À face do exposto, podemos refletir o objetivo desta pesquisa com relação à reflexão dialógica entre a Arquivística e Arquitetura da informação, podemos pensar na facilidade que deve ter ao acesso da informação, ao entendimento de que a compreensão é sempre uma reação ao que o outro disse e provoca uma resposta. No processo de compreender, “locutor e receptor” (os interlocutores) introduzem o objeto a ser compreendido no contexto potencial da resposta. Todos esses valores se juntam no momento da produção do sentido que se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. (SANTOS, 2013). Na próxima seção, apresentamos uma breve contextualização histórica da Arquitetura da Informação e da Arquivística.

3.2 ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO E ARQUIVÍSTICA: A HISTÓRIA SE REPETE

A habilidade de conceber e gerar informação ao alcance de um “click”, através da internet, vem nos proporcionando uma capacidade cognitiva cada vez mais plural, graças ao contínuo desenvolvimento da *web* junto de seus layouts em websites e softwares que facilitam muito a vida de seus usuários ao acesso da informação de forma estruturada, didática e intuitiva, provocando não só o acesso, mas também a reprodução ou reelaboração das informações por esses usuários, os transformando assim nos principais produtores de conteúdos de um portal, já que “o processo de aprendizagem pelo uso e produção da informação na internet vem provocando um feedback intenso entre difusão e aperfeiçoamento da própria tecnologia.” (CASTELLS, 2003, p. 28).

Todo esse processo é fruto da segunda explosão informacional gerada na década de 90 pela democratização da *web* possibilitada no desenvolvimento do primeiro navegador da internet criado por Tim Berners-Lee, o *World Wide Web*. Esse navegador primário permitiu a perspectiva do fortalecimento da comunicação do homem por meio da interação com documentos virtuais de forma cada vez mais dinâmica, pois desde a sua criação vem somando constantes evoluções a partir do aprimoramento de novos navegadores, os quais têm sido reflexo do crescimento da própria *web* e da interação cada vez mais frequente da sociedade com o virtual espaço informacional. (VELLOSO 2011, p. 236).¹

Ainda para Velloso (2011, p.225 e 235), navegador é um programa de computador que possibilita aos usuários a interação com documentos virtuais da internet através das *páginas da web*. Também reconhecidas pelo termo em inglês, *webpages*, as páginas web são caracterizadas por Fischer (2015, p.74) como um conjunto de informações de categorias sígnicas, como textos, vídeo, áudio, ilustrações, gráficos ou fotos que se apresentam em uma mesma tela, a qual, interagimos diretamente. O termo *webpage* é geralmente confundido com

¹ Esse crescimento da *web* pode ser visualizado online de uma forma mais didática e cronológica pelo infográfico interativo *Evolution of Web* (<http://evolutionofweb.appspot.com/>) disponibilizado pelo navegador Google Chrome e fixado também nessa pesquisa, no anexo A, para uma maior exploração sobre cada navegador componente a essa evolução .

o termo *website* ou, simplesmente, *site* que se designa a um agrupamento de páginas web voltados a um objetivo específico.

site – trata-se de um conjunto de webpages articuladas por um conceito (uma marca comercial, uma universidade, um evento, uma agremiação esportiva, uma banda de rock, uma associação etc.) que as reúne em uma mesma arquitetura, segundo a qual as diferentes páginas web estão organizadas diante do usuário. (FISCHER, 2015, p. 75).

Os primeiros websites da *web* eram um verdadeiro caos informacional, totalmente diferente dos sofisticados *sites* que temos disponíveis hoje. Porém, foi justamente esse caos que provocou a necessidade de resultados melhores, da melhoria da organização da informação disposta *online*, passando a atribuir a essas padrões e técnicas de ordenação que facilitam a vida dos usuários. Assim, a Arquitetura da Informação foi introduzida na construção e reformulação dos *websites* no objetivo de mudar aquela realidade.

Com a finalidade de amenizar os problemas decorrentes da grande quantidade de informação produzida, surgiu a Arquitetura da Informação, entendida neste trabalho como uma disciplina que teve início a partir das primeiras práticas de organização da informação desempenhadas por Paul Otlet, no final do século XIX, como uma metodologia para a organização da informação em formato impresso, cuja aplicação expandiu-se, posteriormente, para a organização da informação em variados suportes informacionais. (SILVA, 2013, p. 298).

Arquitetura da Informação é uma disciplina que foi criada em 1976 pelo arquiteto e desenhista gráfico Richard Saul Wurman, ele se destacava em criar excelentes gráficos para a apresentação de informações e definiu a AI (Arquitetura da Informação) como o ofício dos arquitetos da informação que, segundo os estudo Wurman, parafraseado por Luz (2015, p.44), “é a pessoa que organiza dados, criando uma estrutura ou mapa das informações, permitindo com que outras pessoas achem seus caminhos pessoais até o conhecimento”.

A proposta da criação da Arquitetura da Informação foi apresentada por Wurman na conferência nacional American Institute of Architects, onde a preocupação com a ansiedade que a informação exacerbada causa no ser humano, divulgada pelos estudos do psicólogo David Lewis sobre a “síndrome da fadiga da informação”, era o destaque do encontro. Refletindo essa realidade

provinda na época pelo desenvolvimento dos canais de comunicação mais em evidência, jornais, revistas, guias e demais materiais de informação impressa, Wurman baseou “a proposta da Arquitetura da Informação na organização da mídia impressa, obtendo resultados significativos para a produção da informação até os dias atuais, pois seu estudo ainda é base para a organização do maior canal comunicacional disponível na atualidade.” (REIS, 2007, p. 26).

Com os avanços da era digital e a produção exponencial da informação dentro da *web* nos anos 90, a Arquitetura da Informação passou a ser adaptada e introduzida na expectativa de otimização da realidade caótica dos portais de informação da *web* primitiva.

No início dos anos 90, essa disciplina foi introduzida por Rosenfeld e Morville no design de websites com o objetivo de projetar seus quatro componentes básicos - os sistemas de organização, de navegação, de rotulação e de busca - a fim de facilitar aos usuários encontrar e compreender as informações que necessitam, bem como desempenhar suas tarefas. (Ferreira e Reis, A prática de Arquitetura de Informação de websites no Brasil, p.286 apud Reis, 2007).

Quando Richard Wurman criou a AI, não se pensava em Internet e os computadores ainda eram bem limitados para o processamento de informações diversas (LUZ,2013, p.46). A introdução desta ciência à organização das informações na rede passou a ser pensada muito depois por Peter Morville e Louis Rosenfeld em 1998 na obra *Information Architecture for the world wide web*, considerada como *best seller* de grande ênfase para a área segundo Silva, Pinho Neto e Dias (2013, p. 290). Essa adaptação colaborou e colabora para amenizar a ansiedade humana perante a informação contida na rede, fazendo com que seus usuários cheguem as informações que desejam sem frustrações no percurso.

Assim, avanços notáveis podem ser constatados ao que se refere a usabilidade e eficiência da disposição da informação em *websites* nos últimos anos, como podemos analisar nos anexos B, C e D. O anexo B apresenta o layout do primeiro *site* da *world wide web*, elaborado por Tim Berners-Lee em 1990 e hospedado até hoje ao seu servidor original, mantido pela Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (CERN) como registro da memória da *web*.

Nos anexos C e D, temos a capturas efetuadas pela Internet Archive (<<https://web.archive.org>>) do *site* da empresa Apple, onde podemos constatar

a diferenciação da interface do *site* da empresa entre 1997 (anexo C), antes da introdução da Arquitetura da Informação a *websites*, e 1999 (anexo D) após Arquitetura da Informação.

Para Adolfo e Silva (2006, p.35),

Richard Wurman, em 1991, apresentou a Arquitetura da Informação com o intuito de “tornar o complexo claro” e resolver a chamada “ansiedade de informação”. O autor defendia a área como uma importante facilitadora da interação dos usuários com as informações, facilitando a vida das pessoas, simplificando e tornando as informações mais compreensíveis e assimiláveis.

Entretanto, o surgimento exacerbado da informação como significado de avanços consideráveis para o conhecimento e vivência da sociedade até aqui citados, não se limita apenas a era tecnológica digital. Antes mesmo do surgimento da *internet* e da *Web*, a humanidade já vinha passando por diversas fases significativas para a evolução do conhecimento humano. Esse trajeto, de acordo com Luz (2015, p.16), se iniciou na primitividade quando o homem deixa de ser nômade e passa a dominar técnicas de plantio, percebendo a informação e o conhecimento adquirido como um dos seus bens mais preciosos para a sobrevivência da espécie. A partir daí, técnicas com o propósito de registrar o conhecimento para as seguintes gerações começaram a avançar, das pinturas rupestres ao desenvolvimento da escrita e o surgimento da *internet*, a preocupação é a mesma, o acesso à informação.

Para Gomes (2017, p.129), a origem dos arquivos parece se confundir com o surgimento da escrita como consequência da necessidade do homem das antigas civilizações de “registrar e comunicar seus atos, sentimentos e conhecimento.” Paes (2004, p. 15) também apresenta que, paralelamente ao desenvolvimento da escrita, o homem aperfeiçoou igualmente o material sobre o qual ele a fixava, transmutando esse suporte a diversos formatos durante a história, onde o homem inserido em um aperfeiçoamento cada vez mais propício a vida em sociedade providos pelo conhecimento, passou a estágios de vida mais organizados com atividades que suprissem as suas necessidades sociais, políticas, econômicas, religiosas e até mesmo de suas vidas privadas.

Surgindo em consequência disso, os arquivos responsáveis pela guarda desses registros, destinados não só aos tesouros culturais da época, bem como

à proteção dos documentos que atestam a legalidade de patrimônios e os que contavam a história de suas grandezas, levando em consideração o que diz Silva (1999, p.45) ao se referir sobre a materialização da memória individual e coletiva realizada na escrita em uma grande parcela da existência humana, fazendo com que essa materialização fosse vista de maneira relevante, promovendo sua preservação: “A importância da escrita para a atividade humana levou, automaticamente, à consciência de que era preciso conservar tais registros, tendo em vista uma posterior utilização.”

Surge também, ainda de acordo com Silva (1999, p. 93) a partir do século XVI uma nova disciplina, a Arquivística ou Arquivologia, fruto de uma “construção conceptual e sistemática do saber adquirido por uma prática milenar da gestão dos arquivos”, devido à profissão voltada a essa gestão de documentos, inicia-se a sua oficialização a partir de normas regulamentadoras, em sua maioria de caráter oficial perante a sociedade. Nascendo posteriormente ao declínio da idade média, do poder absolutista da Igreja e a ascensão do Estado, um maior desenvolvimento de técnicas voltadas à melhor ordenação e disposição da documentação em diversos âmbitos na máquina estatal, promovida a partir da Revolução Francesa até o final da Segunda Guerra Mundial, períodos os quais, se encaminhou o aumento gradual das “atribuições dada aos documentos, tornando primordial o acesso, classificação, preservação e demais atributos que propicia a interação com a informação de forma cada vez mais facilitada, condicionando a Arquivologia a se estruturar como área do conhecimento”. (SILVA e SILVA FILHO, 2017, p. 163 e 164).

Gomes (2017, p.131) reitera a adoção da conceituação da Arquivologia como ciência a partir da publicação da obra dos Holandeses S.Muller, J.A Feith e R. Fruin a qual também é mencionada por Fonseca (2005, p. 32) ao afirmar que o Manual dos Holandeses escrito em 1898, é tido para uma considerável parcela dos autores, marco inaugural da Arquivística como um campo autônomo de conhecimento. O primeiro passo de muitos que serão dados durante a história, fazendo com que, conforme afirma Adolfo e Silva (2006, p.45), a evolução dos tempos conduza a Arquivística por fases e correntes que foram lhe acrescentando, tanto em sua teoria quanto em sua prática, até se consolidar na atualidade como área do conhecimento, a qual, atualmente tendo por objeto a

informação orgânica, assim como a Ciência da Informação e cada vez mais interdisciplinar a essa área.

A C.I., baseada na dinâmica transdisciplinar de disciplinas práticas e profissionais como a Arquivística, é uma ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenómeno informacional, perceptível e cognoscível através da confirmação, ou não, das propriedades inerentes à génese do fluxo, organização e comportamento informacionais (origem, colecta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação) [...] A Arquivística tende, naturalmente, a ser um ramo aplicado da C.I. que incide sobre a produção, organização, fluxo, recuperação e uso, armazenamento e preservação da informação de diferentes tipos (e não apenas a jurídico-administrativa) feita e recebida por organizações públicas e privadas. (SILVA, 2009, p.51)

Considerando o que apresenta a pesquisa de Le Coadic (2004, p.115) sobre a Ciência da Informação e “seu conteúdo, marcado pelo selo da interdisciplinaridade [...]”. Se refletindo também, no recorte dos fatos históricos aqui percorridos, deve-se atenção a pesquisa utilizada como referência para esta investigação, de autoria de Adolfo e Silva (2006, p.15), ao refletirem sobre os campos de convergência entre a Arquivística e a Arquitetura da Informação, duas áreas incluídas à Ciência da Informação:

A diferença entre as informações tratadas por arquivistas e arquitetos da informação é compreensível e incontestável. Porém, existem pontos de convergência, não apenas quanto ao objeto como também quanto à finalidade: dar o acesso à informação. Estas áreas buscam da mesma maneira a organização das informações para futura disponibilização aos usuários.

Portanto, ao contemplar os pressupostos até aqui apresentados, cabe ressaltar um dos objetivos específicos desta pesquisa em suscitar o aprofundamento do estudo do dialogismo entre a Arquitetura da Informação e a Arquivística com a ideia de propiciar a construção do conhecimento, o motivo pelo qual embasou o pontual levantamento histórico apresentado na finalidade que se percebe a presença da informação e o aperfeiçoamento desta como precursora do desenvolvimento das duas ciências aqui citadas, clarificando o possível diálogo diante de suas trajetórias ao entendermos sobre o conceito e o raiar dos arquivos e como esse fato se assemelha com a *Web*, os quais

representam os elementos fundamentais para o estudo da Ciência da Informação e suas respectivas áreas, Arquivologia e a Ciência da Informação.

Pois, ao pensarmos o que relata Paes (2004, p. 16), sobre a história da Arquivística de que, em épocas remotas os arquivos eram escassos devido ao pouco recurso dos suportes que em sua maioria eram feitos com materiais pouco abundante como o marfim, ou muito frágil como os tabletes de argila. Levando em consideração, também, que a escrita ainda era restrita para uma grande parte da população primitiva, o que diminuía o fluxo de produção de documentos. Diante dessa realidade, reportamo-nos ao fato da *web* ter sido também um meio, até certo ponto, limitado às pessoas que não obtinham o conhecimento e os recursos tecnológicos escasso para época, necessários para acessá-la, tal como a escrita também já foi para muitos dos nossos ancestrais.

3.3 DIÁLOGOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO E ARQUIVÍSTICA

Ao propormos o dialogismo entre a Arquitetura da Informação e a Arquivística no tocante a suas respectivas atribuições teórico metodológicos, faz-se necessário primeiramente, passarmos por uma transitória temática, a interdisciplinaridade no campo da Ciência da Informação, Arquitetura da Informação e Arquivística, ressaltada nos estudos dos autores que contribuíram para o embasamento teórico desta pesquisa, como Adolfo e Silva (2006), Camargo (2010), Ferreira e Reis (2008), Oliveira et al.(2015), Fonseca (2005), entre outros que enfatizaram o diálogo existentes nessas áreas tanto em suas metodologias, como nos seus objetivos e princípios.

3.3.1 Ciência da Informação

Le Coadic (2004, p.1), ao refletir a respeito do que fala Lyotard em 1979, alusivo às mudanças na sociedade sobre a elaboração do saber, resultante da pós-industrialização e do pós-modernismo, compara que:

Igualmente, o desenvolvimento da produção de informações (gerais, científicas e técnicas) e de sistemas de informação, tornou-se necessária uma ciência que tivesse por objeto de estudo a informação, ou seja, uma ciência da informação, e uma tecnologia e técnicas resultantes das descobertas feitas por essa ciência.

A Ciência da Informação, como deixa claro o autor, é a ciência que estuda a informação de uma forma generalizada, independente do seu formato ou linguagem. Pois assim como assevera Borko (1968, p.1), Ciência da Informação é um campo que examina as características e a ação informacional, as tendências que conduzem os seus fluxos, e as noções do processamento da informação, objetivando à acessibilidade e a usabilidade otimizada da informação. Diante desta máxima, podemos estabelecer o diálogo entre a ciência da informação, AI e Arquivística observada nas obras de autores correspondente a essas áreas.

Ao que diz respeito à Arquitetura da Informação e suas propriedades enquanto disciplina que efetua e investiga o uso e a disposição da informação na rede, cabendo ao profissional dessa área tratar da organização da informação tornando-a evidente e clara por meio de métodos e ferramentas que auxiliem no seu produto final se resumindo no acesso facilitado e eficiente da informação (FERREIRA E REIS, 2008, p.283). Levamos em consideração o que diz Oliveira, Vidotti e Bentes (2015, p.45) ao se fundamentar nos estudos dos autores, León (2008) e Resmini e Rosati (2011), sobre as distintas áreas ao longo do percurso de desenvolvimento da AI que a influenciaram como a arquitetura, o design de informação, sistemas de informação, a *Ciência da Informação*, computação ubíqua ou pervasiva e o design de serviços, podemos assim observar a interdisciplinaridade entre as áreas. Camargo (2010, p.19) aponta também em seu estudo que a Arquitetura da Informação se consolida cada vez mais como disciplina da Ciência da Informação já que a AI oferece instrumentos que auxiliam a melhoria da estrutura informacional e visual de ambientes digitais, deixando transparecer o envolvimento dessas áreas mutuamente ao que tange os seus comuns objetivos de estudar os dinamismos e uso da informação.

Fonseca (2005, p.11) contribui afirmando que a ciência da informação é uma ciência interdisciplinar e que a biblioteconomia, a ciência da computação, a ciência cognitiva, comunicação e a linguística, também são as áreas presentes nas análises das evidentes relações interdisciplinares da Ciência da Informação. O autor expõe também, que a omissão da arquivologia e da própria ciência da informação é mútua e que apesar dessa falta de percepção de boa parte dos autores das áreas, a possível relação “ interdisciplinar entre essas duas, é instigante, na medida em que tais relações parecem bastante óbvias, quando se

identifica a informação como elemento central do conjunto de objetos de que ambas se ocupam”.

Alves et al. (2016, p. 47), ao definir o objetivo da Ciência da Informação, como a ciência que tem o “[...] estudo da informação como elemento organizador, referenciando o homem em sua capacidade de relacionar-se com outros sujeitos, interferindo assim no espaço aos quais estão inseridos”, deixa próxima neste diálogo aqui observado, a interação da ciência da Informação a Arquitetura da Informação e, respectivamente, a Arquivística, ao considerarmos que a Arquivologia ou Arquivística segundo conceituada pelo Dicionário de Terminologia Arquivística (2005, p. 26) é uma disciplina que estuda as funções do arquivo, seus princípios e técnica observados na sua produção, organização, guarda, preservação e utilização do mesmo, o qual, ainda tendo como referência o já citado Dicionário de Terminologia Arquivística (2005, p. 27), entende-se como “arquivo o conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independente do suporte utilizado para o registro da *informação*.”

Concluimos, portanto, com o que percebe Santos, Innarelli e Souza (2008, p.111) ao estudo de Silva *et al.* (1999, p.37) sobre a Arquivística:

A Arquivística funda sua razão de ser na simples existência de informação social materializada em suporte físico e implicada numa dinâmica, também ela eminentemente social, de comunicação. As informações arquivísticas são, também, extensões do pensamento e da ação humana e social, contendo uma margem variável de imprecisão e de representação subjetiva.

E ao que relaciona-se a Arquivística e a Arquitetura da Informação, nos reportamos às considerações de Luz (2015, p. 47) de que cabe a percepção sobre o trabalho e estudo dos arquivistas comparado ao trabalho e estudo dos arquitetos de informação, de processos de descrição, instrumentos de pesquisa, indexação, estudo do produtor de informação, seus usuários e demais outros instrumentos que auxiliam a organizar os documentos ou informações na melhor disposição para o acesso. O autor completa ilustrando que ao definir uma estrutura de organização para os documentos em um acervo, os descrevendo individualmente e como conjunto, “o arquivista está arquitetando a organização das informações de um arquivo.”

Sendo assim, o direcionamento proposto aqui possibilitou com que enxergássemos a proposta deste estudo como uma provocação à reflexão ao diálogo interdisciplinar entre as duas áreas do conhecimento supracitadas neste texto, incluindo aí a Ciência da Informação. Deixando claro que, não é a finalidade desta pesquisa explorar profundamente a interdisciplinaridade da área de Ciência da Informação em sua totalidade, o que procuramos propor aqui foi o entendimento do diálogo dessa área com a AI e a Arquivística, propondo uma aproximação dos estudos dessas ciências para o fortalecimento de seus campos de pesquisa expondo, visões de autores que apontam esse caminho e fortalecem o nosso objetivo enquanto pesquisa em estabelecer o dialogismo entre a Arquitetura da Informação e a Arquivística, valorizando essa possível fusão no campo teórico científico.

3.3.2 Metodologias, Métodos e Diálogos

Os profissionais da Arquitetura da Informação costumam seguir suas próprias metodologias baseadas em diversos fatores e em variadas áreas de conhecimento. Lara Filho (2010, p.10) articula que a arquitetura da informação não vem a ser uma técnica a fornecer receitas, o autor deixa claro que ela é um conjunto de procedimentos metodológicos e que a sua elaboração não deve criar uma arquitetônica estável na metodologia de disposição informacional de um site, ou seja, a prática da AI deve ser experimental e moldável a realidade de cada site, instituição e usuário. Assim, a AI tende a proporcionar a seus profissionais a liberdade de escolha de suas metodologias, entendendo que essa seja talvez, o primeiro passo para o início da sua forma de fazer Arquitetura de Informação, a escolha de uma metodologia que pode variar com as circunstâncias do trabalho e da informação a ser trabalhada. Porém, devemos lembrar que a Arquitetura da Informação, como aponta Reis (2003, p. 109), é uma das etapas mais cruciais na produção de um *website* pelo fato desta ser a base para todas as outras fases seguintes da elaboração do site até a sua finalização, assim a escolha da sua metodologia é, portanto, um fator que requer planejamento.

Camargo (2010, p.58) aponta que a forma de projetar uma AI varia conforme a metodologia estabelecida pelo arquiteto de informação, cabendo

nessa escolha uma diversidade de métodos que propiciem a eficiência do objetivo do projeto do website. Assim, entendemos que a escolha da metodologia seja um exercício que demanda conhecimento vasto sobre métodos de tratamento e organizações de informações, facilitando a dinâmica da pluralidade de informações que o profissional pode vir a lidar. Podendo a escolha da metodologia, ser fundamentada em conceitos, atividades e métodos originados em outras áreas do conhecimento.

Os estudos de Morville e Rosenfeld (2006) , se apresentam como o mais difundido na literatura da AI, apontado por autores como Ferreira e Reis (2008, p.286) de metodologia completa e detalhada da área, utilizadas pela já citada Camargo (2010) em seu estudo, o qual, iremos nos basear para o aprofundamento das metodologias de Morville e Rosenfeld (2006).

A metodologia de Morville e Rosenfeld (2006) é caracterizada por cinco fases: Pesquisa, Estratégia, Design, Implementação e Administração. A **Pesquisa** é a etapa onde são coletadas as informações sobre a finalidade do site, seus possíveis usuários, suas necessidades e ambientes. Na **Estratégia**, se procura conceber soluções para o problema da disposição das informações, utilizando-se da criatividade para se obter a visão macro da solução do projeto. **Design** é onde a visão macro concebida na Estratégia é detalhada em documentos e diagramas que explicam as prioridades para a construção do site. **Implementação** se limita a fase em que o site é construído e disponibilizado na web mediante os dados e instrumentos desenvolvidos nas etapas iniciais. E como última etapa, a **Administração** do site já disponível na internet com a finalidade de aplicar uma avaliação que identifique seus objetivos iniciais, promovendo uma revisão no site para se constatar seus acertos e erros. (CAMARGO, 2010 p.287)

Na Arquivística, versando sobre uma das metodologias utilizada na área com autoria de Marilena Leite Paes (2012,p.35 a 52) destinada à organização de arquivos, delimita as fases de **Levantamento de Dados**, que se delimita a reunião dos dados da entidade/empresa, pública ou privada, na finalidade de auxiliar o processo de planejamento da ordenação e gestão dos documentos e as informações contida nesses sobre a empresa que mantém da documentação. **Análise dos Dados Coletados**, destinado a verificação da real situação do arquivo a partir das informações adquiridas no levantamento de dados para a

elaboração de um diagnóstico que deve conter a verificação da estrutura, atividades e documentação da instituição correspondentes à sua realidade operacional, elaborando possíveis alterações e medidas voltadas a cada caso de irregularidade que podem ser adotadas na elaboração e execução do Plano Arquivístico. O **Planejamento** é onde a elaboração do Plano Arquivístico será construído com base no diagnóstico realizado na Análise dos Dados Coletados, nas Disposições Legais e nas necessidades da instituição que é direcionado o arquivo. Paes (2012, p.36) acrescenta que para a elaboração da etapa de Planejamento e o Plano de Arquivístico, deve-se considerar fatores como a posição do arquivo na estrutura da instituição, a centralização ou descentralização e coordenação dos serviços de arquivo, a escolha de métodos de arquivamento adequados, estabelecimento de normas de funcionamento, recursos humanos, escolha das instalações e do equipamento, constituição de arquivos intermediários e permanentes e os recursos financeiros disponíveis para o cumprimento do Plano Arquivístico. Por fim, temos a fase de **Implementação e Acompanhamento** do Plano Arquivístico proposto para constatar se existiu falhas em sua aplicação ou promover sua adaptação a eventuais novos fundos ou demandas institucionais.

Se compararmos lado a lado esse fazer Arquitetura de Informação de Morville e Rosenfeld com as etapas de trabalho defendidas por Paes (2012, p.35) destinadas a organização de arquivos, podemos nos aproximar melhor das semelhanças entre a Arquivística e a Arquitetura da Informação de princípio, diante dos termos utilizados pelos autores para nomear cada etapa das metodologias, como ilustra a figura a seguir:

Figura 2- Comparação metodológica

Metodologia de Morville e Rosenfeld para Arquitetura da Informação	Metodologia de Marilena Leite Paes para a Arquivística
Pesquisa	Levantamento de dados
Estratégia	Análise dos dados coletados
Design	Planejamento
Implementação	Implantação e acompanhamento
Administração	_____

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Observamos, portanto, que alguns termos como *Pesquisa e Levantamento de dados* deixam claro seus objetivos ao que concerne o significado dessas palavras, entretanto outros termos como *Estratégia, Análise de dados coletados, Design e Planejamento* não parecem ressaltar suas semelhanças. Porém, ao que diz respeito sobre o seu significado metodológico, podemos aproximá-los quando pensamos na etapa de *Estratégia* caracterizada segundo Camargo (2010 p.287) por um momento em que o projetista da Arquitetura da Informação elenca soluções para uma melhor disposição da informação, se apoiando na etapa de Pesquisa para as eventuais solução de problemas que podem ser encontrados, se assemelhando com a terceira fase da metodologia de Paes (2012), o *Planejamento*, onde o arquivista também apoiado a dados e constatações, elabora um plano estratégico ao arquivo, chamado de Plano Arquivístico, pensado para a melhor ordenação, disposição e acesso às informações dos acervos. Cabendo a essa etapa também, a elaboração de fluxogramas, arranjos e classificação de documentos. Assim, como o Arquiteto da Informação a determinar a etapa do *Design*, renomeada por Camargo (2010) de *Especificações*, por considerar o termo *Design* usado por Morville e Rosenfeld (2006), genérico, não esclarecendo a ação da metodologia de produção de documentos que colaboram com a organização da informação dentro do site, podendo esses instrumentos ser fluxogramas, também previstos e encontrados nos Planos Arquivísticos de Paes (2012), site gramas e *wireframes*.

Feitas essas observações, partimos para uma etapa da pesquisa em que buscaremos explorar a temática de forma prática, no sentido de nos aprofundarmos ainda mais na problemática desta pesquisa: como acontece o diálogo da Arquitetura da Informação e da Arquivística na construção da interface informacional de websites?

4 UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE CONSTRUÇÃO DO *WEBSITE* DO SESA

Com base na amostra das metodologias aqui expostas na seção anterior, a metodologia da Arquitetura da Informação de Morville e Rosenfeld (2006) e a metodologia para organização de arquivos de Paes (2004), elaboramos a proposta de Arquitetura da Informação do *website* do Projeto SESA. Portanto, decidimos partir da teoria para a prática e entender melhor se essa convergência entre o fazer da Arquitetura da Informação e a metodologia Arquivística para a organização de documentos pode auxiliar na produção do projeto de Arquitetura da Informação de um *website*. Talvez, seja esse o primeiro passo para entendermos mais profundamente a suposta relação entre as áreas enfatizadas no estudo de Adolfo e Silva (2006), *Arquivística e Arquitetura da Informação: Uma Análise Interdisciplinar*.

Antes de tudo, é importante enfatizarmos que pelo episódio do Projeto SESA ainda não possuir um *website*, a nossa proposta levou em conta esse fato se moldando a ele e sendo suscetível a possíveis mudanças durante o seu percurso de execução, caso os métodos propostos não forem suficientes a projeção da arquitetura informacional do SESA, fazendo dessa proposta um exercício lógico e estratégico para os seus elaboradores que devem se apoiar ao objetivo da construção de um *website* eficiente na organicidade de sua informação e responsivo às necessidades dos seus usuários.

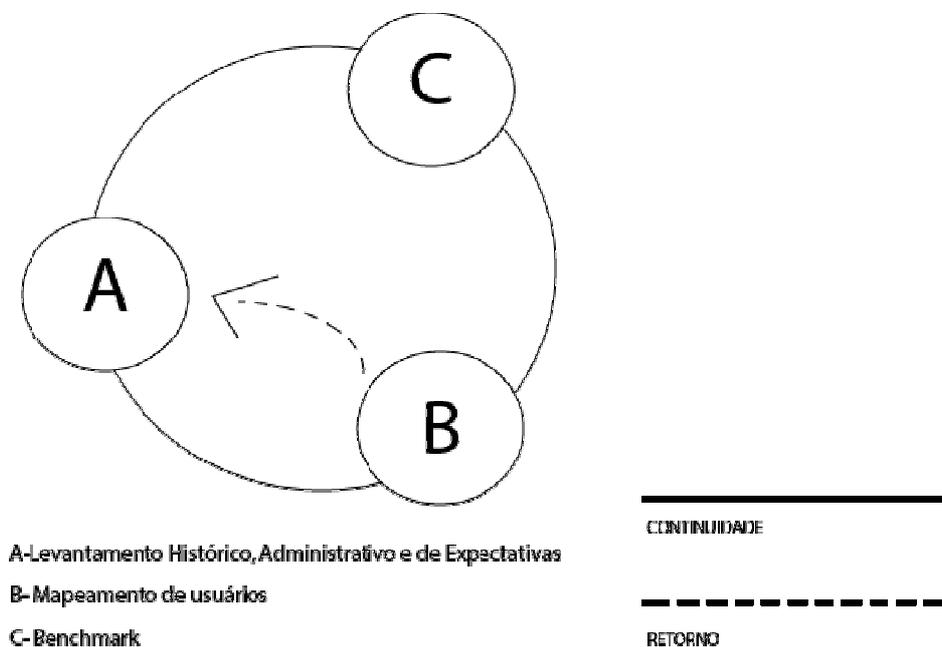
Assim, tomamos a liberdade de estabelecer nossa própria metodologia nos detendo a três passos: Pesquisa, Análise e Plano de Arquitetura da Informação, Implementação e Administração. O primeiro, a Pesquisa, é subdividida em três etapas: A) Levantamento Histórico, Administrativo e de Expectativas, B) Mapeamento de usuários e C) Benchmark.

Na etapa A) Levantamento Histórico, Administrativo e de Expectativas, procuramos reunir informações sobre a trajetória do Projeto SESA, seus objetivos, metas e expectativas com a criação do *site*, reunindo também informações sobre seus membros participantes e público alvo. No seguinte ponto B) Mapeamento de Usuários, buscamos estabelecer o suposto perfil de usuários que o *site* do Projeto SESA viria a ter. Aplicando o método *Free-listing*, também estabelecemos inicialmente, as necessidades dessa amostra. Na última etapa,

o ponto C, iremos utilizar o método Benchmark para fazer um breve levantamento de campo de possíveis sites que se assemelham com a proposta do website do Projeto SESA, onde estabelecemos uma visualização de tendências do mercado voltado ao design de *websites*, recolhendo ideias para promover um layout que acompanhe o desenvolvimento da web.

Ao que diz respeito à fase, Análise e Plano de Arquitetura da Informação, buscamos documentar todo o levantamento informacional feito na primeira etapa usando como inspiração o plano de Arquivo proposto por Paes (2004) instrumento para a organização de arquivos realizado diante de toda a análise dos dados levantados pelo método, sendo composto de todo escopo produzido voltado a Arquitetura da Informação do *site*. Por último, temos a etapa de Implementação e Administração, nela expomos diretrizes que cabem ao profissional que realiza essa proposta cumprir para estabelecer a continuidade de seu trabalho como também a sua manutenção. A seguir, ilustramos na figura 3 um esquema do processo dessa metodologia aqui proposta:

Figura 3 – Primeira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

No esquema apresentado, entendemos o processo dessa metodologia como cíclico e dinâmico que pode ser sucessível a alterações ou retorno de fase, caso seja encontrado no percurso fatores que mereçam uma melhor

investigação, fazendo da fase de *Pesquisa* um campo de apoio aos imprevistos, onde nela podem ser acrescentados novos métodos que auxiliem a busca de soluções.

4.1 PESQUISA

Neste primeiro passo metodológico, decidimos concentrar boa parte das atribuições do método de *Levantamento de Dados* cunhado por Paes (2004) e o método *Pesquisa*, proposto por Morville e Rosenfeld (2006). Entendemos essa etapa como uma das mais importantes para a projeção de uma Arquitetura da Informação bem consolidada, levando em consideração também os estudos de outros especialistas das áreas aqui pesquisadas como arcabouço de fundamentação da nossa metodologia proposta.

Demo (1985, p.23) fala que a pesquisa é uma “[...] atividade científica pela qual descobrimos a realidade. Partimos do pressuposto de que a realidade não se desvenda na superfície.” Assim, a proposta dessa etapa se fundamenta em desvendar a realidade que o Projeto SESA compõe, investigando a sua história, suas personagens, seu público e seus objetivos. Todas essas informações, serão refletidas e recolhidas pelos instrumentos de pesquisa propostos por essa etapa, para que possamos ter um panorama do conjunto de informações que fará parte da Arquitetura da Informação da página do projeto. Seguindo com a metodologia da realização de uma pesquisa, se faz necessário determinar aqui suas atribuições quanto a sua característica de natureza qualitativa determinada pelo uso de métodos que tendem a análise social.

4.1.1 Levantamento histórico, administrativo e de expectativa

Segundo Paes (2004, p.35),

Se arquivo é o conjunto de documentos recebido e produzidos por uma entidade, seja ela pública ou privada, no decorrer de suas atividades, claro está que, sem o conhecimento dessa entidade - sua estrutura e alterações, seus objetivos e funcionamento- seria bastante difícil compreender e avaliar o verdadeiro significado de sua documentação.

Assim como na organização dos arquivos, o levantamento de dados proposto por Paes (2004) tem sua relevância, pois sem o entendimento e reunião das informações sobre a finalidade do Projeto SESA, sua história e administração, o direcionamento dessas informações dentro do *website* pode ser prejudicado. Portanto, inicialmente para auxiliar o objetivo desta etapa, usar meios de recolhimento de informações através de reuniões e questionário efetuado online com um dos membros do projeto enviado.

No questionário, elaboramos cinco perguntas que pudessem nos auxiliar a uma primeira investigação, são essas:

- 1) Qual é o objetivo do SESA enquanto projeto?
- 2) Qual é o objetivo do projeto com a elaboração do *site*?
- 3) Qual o perfil do público alvo do projeto e qual público o Projeto SESA pretende atingir com a disponibilização do *site* na internet?
- 4) Quantas pessoas colaboram com o projeto e quais são os seus cargos?
- 5) Existe algum tipo de informação física ou online registrada que seja importante para a implementação das informações do *site*, que conte a história ou característica do projeto?

As respostas obtidas foram:

- 1) Comemorar onze anos de projeto acadêmico é mais que uma vitória – é uma responsabilidade extrema com tudo o que foi construído ao longo desse tempo, com o que foi produzido por protagonistas de diversas partes do Brasil e do exterior, com o pilar da ciência em meio à responsabilidade social cada vez mais presente e intensa no ofício acadêmico. Um Projeto como o Seminário de Saberes Arquivísticos - SESA não se faz sozinho – e certamente não estaria completando mais de uma década longe da coletividade. Assim, nasceu o SESA! Baseando-se na arquitetura de Bakhtin e o Círculo (eu-para-mim, eu-para-o-outro, outro-para-mim), elaboramos as diretrizes pedagógico-axiológicas para o ensino de gêneros acadêmicos que nos estimulam a pensar o ensino

desde a formação de seu currículo às práticas efetivas em sala de aula, a saber: currículo e transposição didática, interdisciplinaridade, cooperação acadêmica, multi(letramentos), interação pedagógica em sala de aula. Para se pensar nos princípios pedagógicos, organizamos os princípios axiológico-éticos da interação para o ensino de um gênero acadêmico que estão estabelecidos em três tipos de relações: “relações entre os objetos; relações entre sujeito e o objeto; relações entre sujeitos”. Diante desta postura, de enxergar uma relação intrínseca entre ensino, pesquisa e extensão, o projeto toma o diálogo como seu fio condutor para estabelecer as variadas relações.

A Arquivologia na contemporaneidade aponta para profundas alterações em seu marco teórico e metodológico, assim como para revisão de seus pilares epistemológicos. Em diversas realidades histórico-sociais, constatam-se alterações, especialmente, no cenário digital, nos processos, objetos, atores, interfaces e dinâmicas de Arquivologia. O fazer arquivístico exige novos patamares de produção e conhecimento científico capazes de contemplar demandas de inovação e gestão de serviços e instituições arquivísticas. O diálogo da Arquivologia com outros campos de conhecimento, em uma postura interdisciplinar, favorece o desenvolvimento científico e inovador da teoria e da prática arquivística mediante estudos do saber e fazer arquivísticos. Reconhecendo o percurso da Arquivologia, busca-se compreendê-la no cenário atual e se vislumbra a inovação científica a partir de demandas e entornos sociais. Este é o objetivo principal do SESA, desenvolver ciência, ensino inovador e extensão em cooperação com seus parceiros: Universidade do Porto, Universidade de Coimbra, Universidade Federal da Paraíba, Instituto Politécnico do Porto e outros que possam se juntar a nós.

- 2) O objetivo do projeto é disponibilizar informações na rede sobre o nosso trabalho e trajetória, para que possamos divulgar o projeto de uma forma mais direta e dar acesso a informações sobre as nossas atividades.
- 3) Pelo projeto ser voltado ao âmbito acadêmico, área da CAPES, Comunicação e Informação, o nosso público se resume a alunos, mestres e profissionais dessas áreas do conhecimento. Portanto, pretendemos

fortalecer a relação com esse público com a criação do site, promovendo a divulgação do nosso trabalho aos que ainda não têm conhecimento da existência do Projeto SESA.

- 4) Há mais de 30 professores direta e indiretamente envolvidos e mais de 60 alunos nesta trajetória. A cada ano, novos alunos chegam e os egressos dificilmente deixam de participar das ações do SESA.
- 5) Sim, existe o livro em comemoração aos dez anos do Projeto SESA que conta toda a história da nossa trajetória, podemos disponibilizá-lo para pesquisa, há também o e-book que é disponibilizado no site da EdUEPB. Também existe a página do Instagram do SESA.

Diante das respostas obtidas no questionário estabelecemos inicialmente o nosso público alvo e prevemos um inicial recolhimento de informações que podem fazer parte das informações na interface do site

4.1.2 Mapeamento de Usuários

Diante dos resultados recolhidos no *Levantamento histórico, administrativo e de expectativas* da última seção com relação às áreas de atuação do Projeto SESA e o público alvo que o Projeto pretende atingir com o site, elaboramos uma inicial estratégia de aproximação aos interesses desses grupos para o site do Projeto SESA com base no conhecimento da área de Design de Interação, definida por Sousa e Santos (2016, p.182), como um importante conhecimento para todas as áreas voltadas a investigação e projeção de ambientes que vão de encontro aos desejos dos usuários, tal uso desse conhecimento é previsto por Oliveira et.al (2015, p.55) em projetos de Arquitetura da Informação, “No paradigma arquitetural, o campo do design influencia os estudos e as práticas da Arquitetura da Informação por meio do design de informação, do design de interação, do design gráfico, entre outros.”

Os autores complementam que o design de interação coopera na interatividade dos produtos, oferecendo desta forma, apoio às atividades do cotidiano das pessoas. Oliveira et.al (2015, p.54) ainda afirma, apoiados aos estudos de Preece, Rogers e Sharp (2005), que o design de interação deve ser aplicado diante de dois objetivos: a usabilidade que facilita o uso do produto

garantindo sua eficiência agradável e uma experiência do usuário divertida e aprazível.

À face disso, realizamos inicialmente uma coleta de dados por meio de entrevista *free-listing* (listagem livre) a um dos perfis do público alvo apontado no questionário realizado, para termos uma inicial ideia dos desejos dos futuros usuários do *website* SESA e assim dar continuidade a próxima etapa *Benchmark*, baseado nesse perfil. A entrevista *free-listing*, é uma técnica caracterizada por Bisol (2012, p. 72) por uma entrevista que busca identificar domínios culturais ou itens em um domínio cultural, ou seja, percepções e conceitos compartilhados. Essa abordagem, por se tratar de uma entrevista qualitativa, propicia o trabalho com amostras pequenas. Optamos por realizar a *free-listing* online, pensando na facilidade para o nosso entrevistado de contribuir com essa pesquisa e também na possibilidade que a web oferece de encurtar distâncias, já que essa entrevista servirá apenas de parâmetro inicial.

Assim, foi escolhido como veículo dessa pesquisa uma ferramenta online chamada Taskade, (Disponível em: <https://www.taskade.com>), uma plataforma online onde é possível criar listas por assunto com outras pessoas de forma interativa.

4.1.3 Benchmark

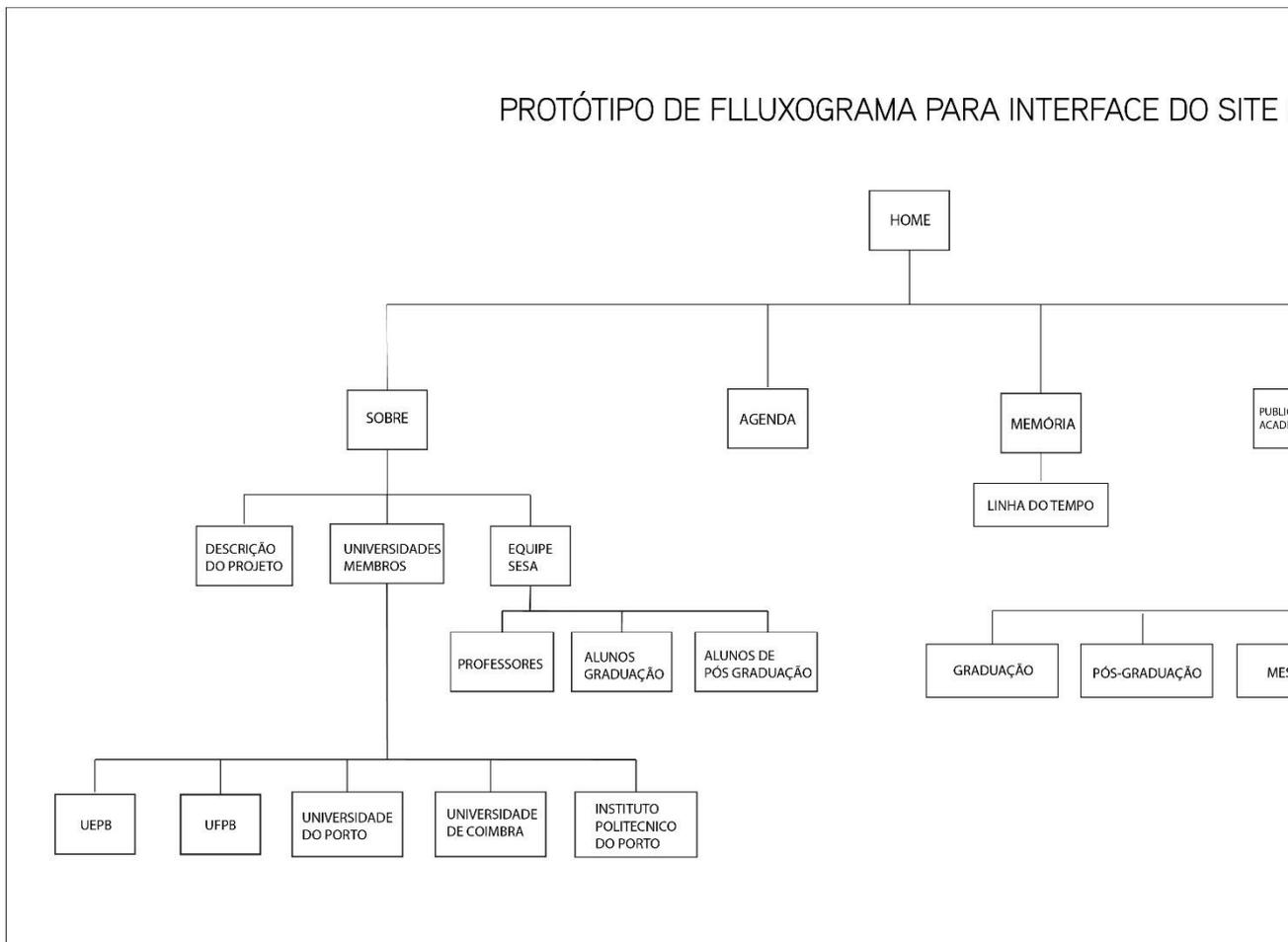
O benchmark é um método destinado à “geração de ideias” (REIS, 2007, p. 190), que, para Camargo (2010, p.217) também envolve a análise de outros ambientes concorrentes ao projeto. Usamos essa técnica objetivando o levantamento de informações voltadas ao design da interface que o site pode seguir, para facilitar o desenvolvimento da comunicação com os profissionais que serão responsáveis pela elaboração do design do site. Para isso, selecionamos através de pesquisas em portais de busca na *web*, algumas páginas que tem em comum os objetivos e público alvo do projeto. Como também, fizemos um breve levantamento usando a palavra-chave *websites* na rede social *Behance* para estabelecermos algumas diretrizes com relação à disposição da informação e o *design* responsivo do *site*. Na próxima etapa de *Análise e Plano de Arquitetura da Informação*, analisaremos as páginas pesquisadas de acordo com a proposta dessa etapa na nossa análise proposta.

4.2 ANÁLISE E PLANO DE ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO

Nessa etapa, primeiramente, são propostas a análise e a organização das informações recolhidas na etapa anterior, *Pesquisa*, para que possamos refletir se os dados recolhidos, são suficientes para a construção do Plano de Arquitetura da Informação. Com relação às informações recolhidas até o presente momento, obtivemos esse levantamento:

No ponto de *Levantamento de dados, administração e expectativa*, com a execução do questionário podemos definir um inicial perfil para os futuros usuários do site, que são estudantes, profissionais, professores e pesquisadores da área da CAPES Comunicação e Informação, em especial, a área da Ciência da Informação e Arquivologia. Esse questionário juntamente com a pesquisa *free-listing*, onde serão apresentados os seus resultados na figura-4, nos auxiliou na construção da proposta de um fluxograma das informações do *wesite* SESA, apresentado a seguir:

Figura 4- Fluxograma informacional SESA



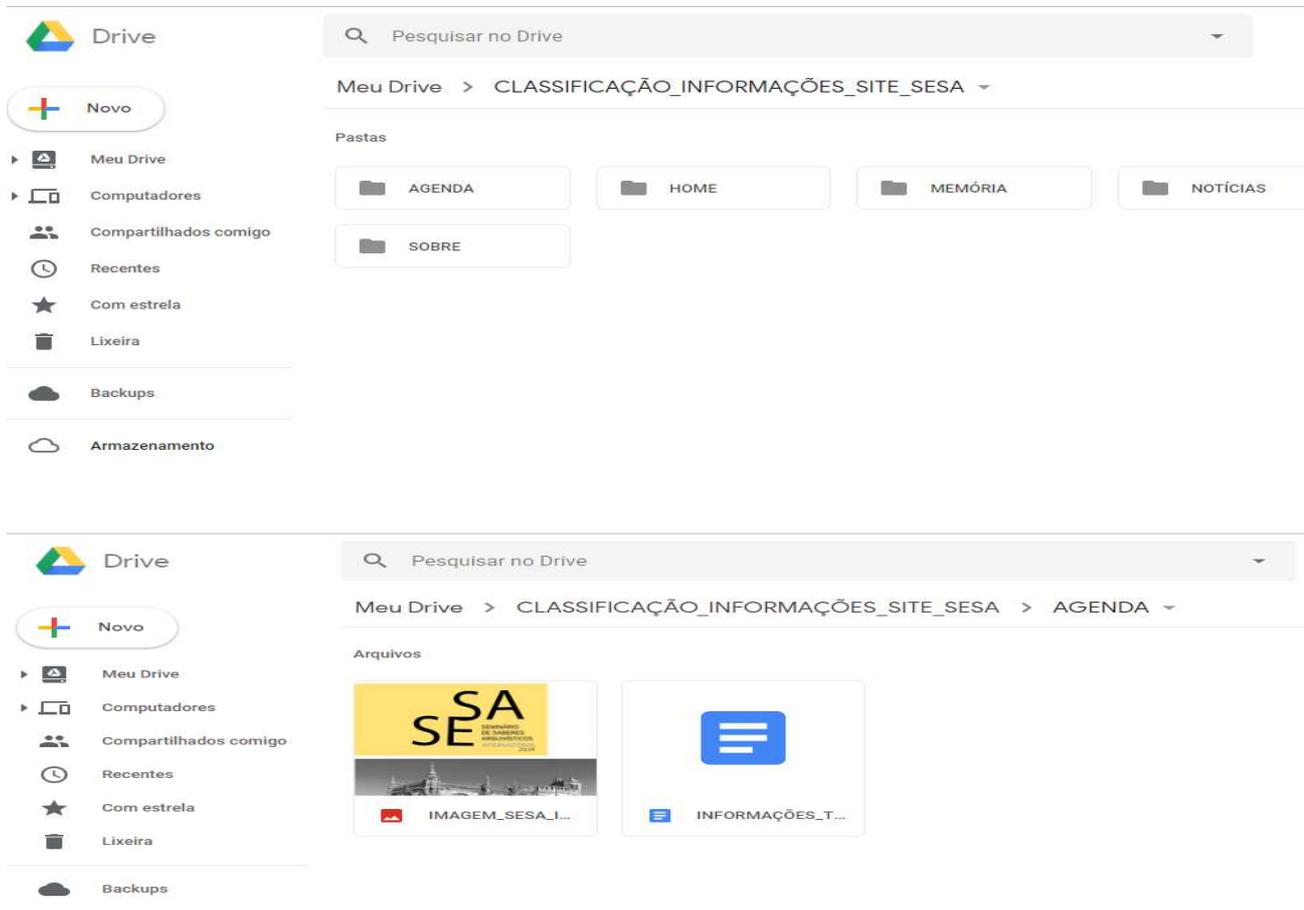
Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

Com o questionário, também foi mostrados diretrizes de investigação para a reunião das informações que deverão ter na interface do protótipo do site SESA, através do livro: *DEZ ANOS DE SEMINÁRIO DE SABERES ARQUIVÍSTICOS – SESA: Memória e contribuição para a Arquivologia*, organizado por Eliete Correia dos Santos, Henrique Elias Cabral França, José Janduy dos Santos Filho (2017) e nas demais respostas dadas no questionário.

Assim, reunimos todas as informações necessárias para a elaboração do protótipo do *website* SESA e montamos uma breve classificação dessas informações com base nos estudos da arquivística. Para Paes (2004, p. 29), conforme as suas características, formas e conteúdo, os documentos são classificados, segundo o gênero e a natureza do seu conteúdo. Portanto, adaptamos essa técnica para reunir e organizar as informações do Projeto SESA em arquivos na nuvem do Projeto SESA, no *Google drive*, onde essas informações ficaram disponíveis a futura equipe de desenvolvedores do website, facilitando o encontro das informações recolhidas.

Então, foram identificadas e segmentadas com relação a seus gêneros que, para Paes (2004, p. 29) se classificaria apenas por “[...] *informáticos*: documentos produzidos, tratados ou armazenados em computador [...]”, entretanto, essa definição não nos auxiliaria a identificar as informações, pois mesmo sendo todas do mesmo gênero, ou seja, digitais, elas apresentam características diferentes, podem ser textuais ou imagéticas. E assim, as classificamos dentro de pastas que continham as informações de cada *webpage* idealizada para a proposta do *site* SESA. Como mostra a figura abaixo:

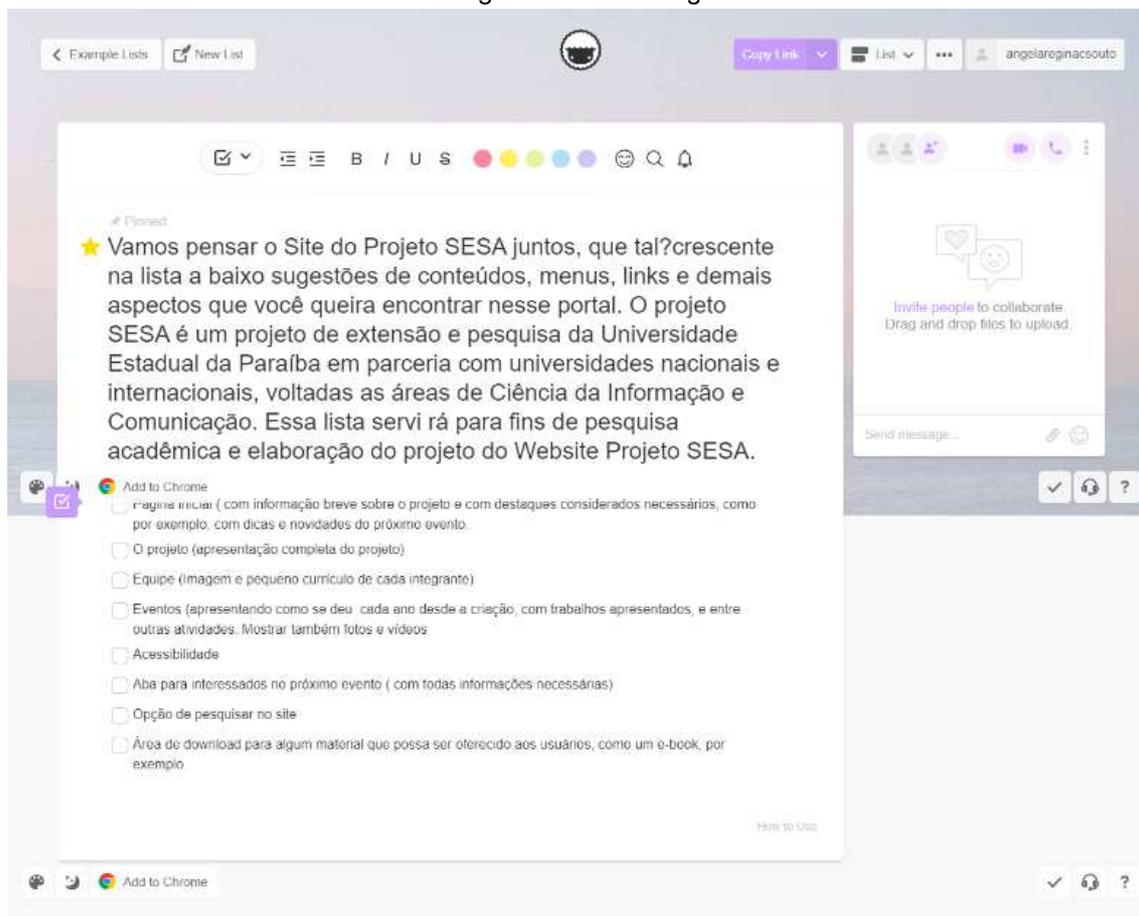
Figura-5 classificação das informações



Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

Já no ponto, Mapeamento *do usuário*, as respostas obtidas com o *free-listing*, nos permitiu ter uma ideia inicial das necessidades de um suposto usuário, que pode ser observado a seguir na imagem e no anexo D, com mais clareza.

Figura 6: Free-listing



Fonte: Disponível no anexo D para melhor visualização ou em:
<https://www.taskade.com/e/pdjzaoFmaNjrk3Wr>

Foi percebido que o interesse do usuário se voltou a apresentação do projeto, sua equipe e eventos do projeto, nos atentando a pontos como a ênfase da disposição de informações sobre o projeto, eventos promovidos por este, equipe e espaço de disponibilização de materiais para *download*.

No benchmark, fizemos uma pesquisa sobre as possíveis páginas que se correlacionam ao campo de atuação do projeto e sobre tendências no mercado no que diz respeito à interface e à disposição dos seus elementos. Objetivando adquirir ideias para o protótipo que atribua ao site elementos atuais, com uma

eficiente disposição das informações, onde o usuário se familiarize com essa disposição, para isso, selecionamos algumas páginas:

Figura 7- Sites com público alvo semelhante ao Projeto SESA



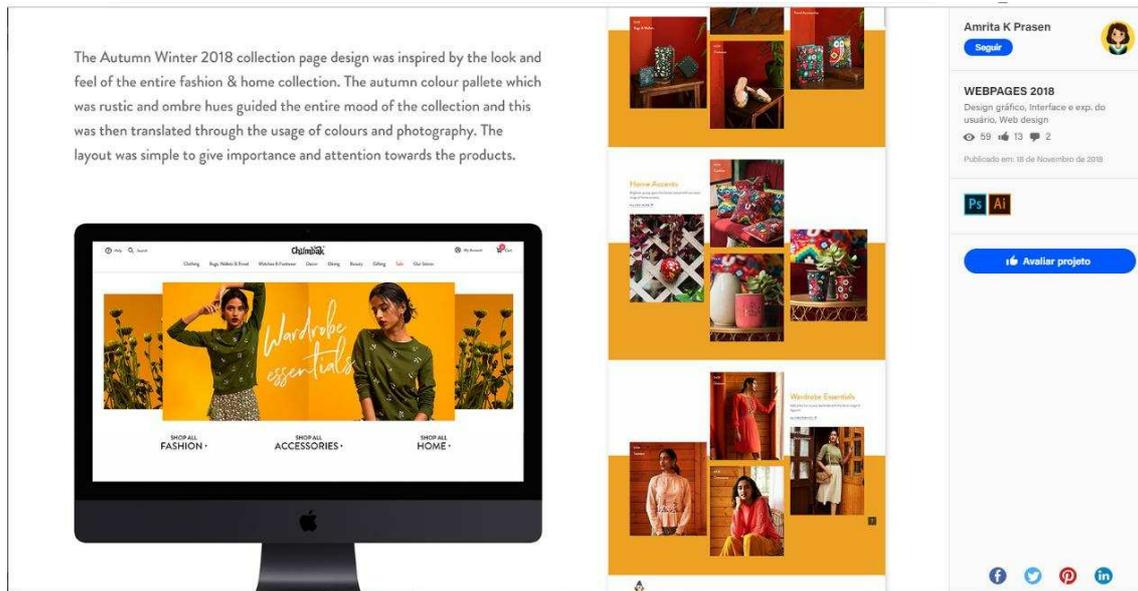
Fonte: Disponível em:< <https://www.uc.pt/fluc>>

Figura 8 - Sites com público alvo semelhante ao Projeto SESA



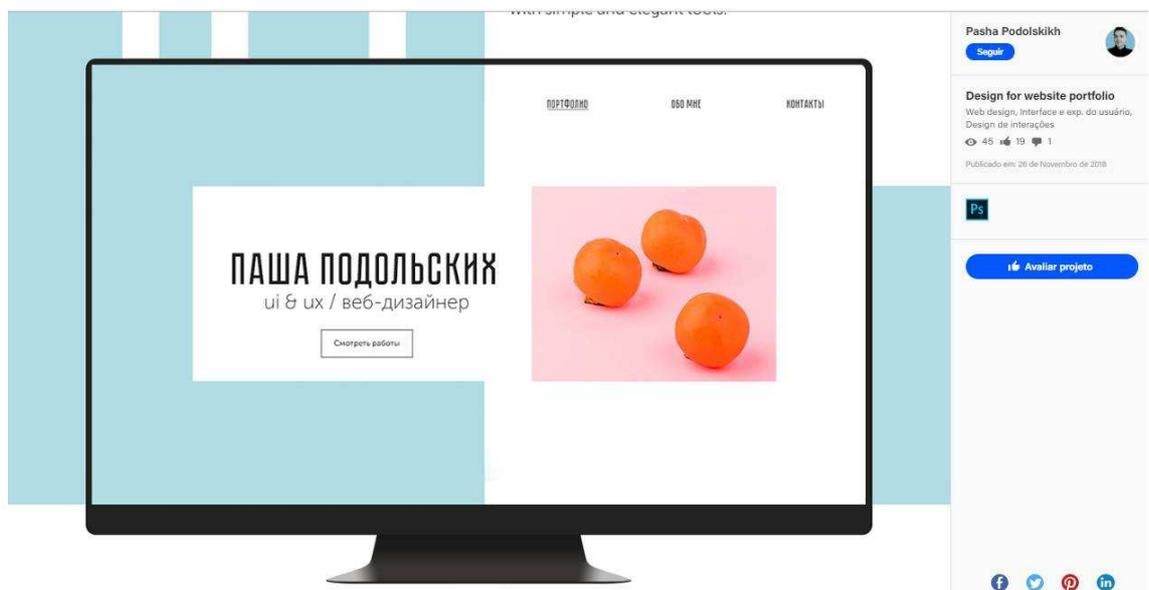
Fonte: Disponível em:< <https://arquivoi.com.br/blog/>>

Figura 9- Exemplos de diretrizes para o design



Fonte: Disponível em: < <https://www.behance.net/gallery/72716623/WEBPAGES-2018>>

Figura 10- Exemplos de diretrizes para o design



Fonte: Disponível em:

<<https://www.behance.net/gallery/72956511/Design-for-website-portfolio>>

Podemos observar diante dos exemplos selecionados que a disposição das informações nas interfaces apresenta um design limpo e pontual e que a predominância da cor branco ajuda a enfatizar essa leveza, provocando o protagonismo de cores como amarelo e azul, que podem chamar a atenção do usuário para as informações pontuais. O uso de um padrão de fontes sem serifa

também é importante para fazer esse equilíbrio entre as informações que precisam de mais destaques como menu, títulos e botões. Diante disso, sugerimos os seguintes elementos para o design da interface com base na logo marca que o projeto já possui:

Figura 11 - Exemplos de diretrizes para o design

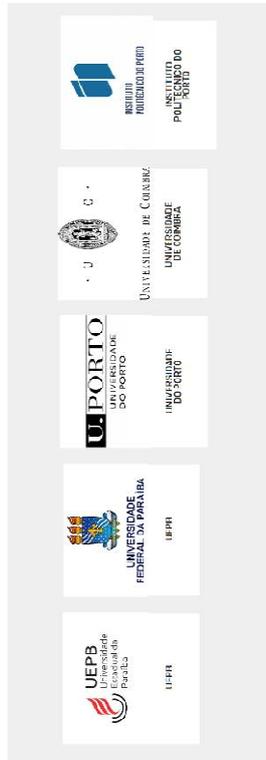


Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Com base nessa análise inicial, elaboramos o primeiro protótipo da interface do site SESA:



O Projeto SESA (Sempre em Saberes Interdisciplinares) é um projeto de pesquisa e extensão que tem por finalidade a interação, troca de experiências e atuação dentro das universidades membros, desenvolvendo atividades para qualificar estudantes no fazer acadêmico no aprimoramento da academia.



EQUIPE

CONHEÇA O NOSSA TIME

- 10 PROFESSORES
- 5 ALUNOS GRADUANDOS
- 6 ALUNOS PÓS-GRADUANDOS

NOTÍCIAS

Quarta apresentação do SESA 2019!

Com mais de dez anos de atuação acadêmica, o SESA oferece mais um evento. Esse ano, estamos na Universidade do Porto, Portugal.

EVENTOS

6 a 9 de Junho de 2019



Figura 12: Proposta de interface website SESA

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Esse protótipo do site SESA foi desenvolvido para a análise geral da entidade mantenedoras do site, onde foram organizadas as informações recolhidas até o presente momento da pesquisa, estando esse modelo sujeito a alterações.

4.3 IMPLEMENTAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Esta fase, assim como a *Pesquisa*, teve influência tanto da metodologia de Paes (2004) Implantação e Acompanhamento, quanto às últimas metodologias adotadas por Morville e Rosenfeld (2006), Implementação e Administração. A implantação, para Paes (2004, p.51,) “exigirá do responsável pelo projeto um acompanhamento constante e atento, a fim de corrigir e adaptar quaisquer impropriedades, falhas ou omissões que venham a ocorrer”. Já a administração, etapa cunhada por Morville e Rosenfeld (2006) é refletida por Ferreira e Reis como “[...] o gerenciamento do website [...]”.

Diante das sugestões aqui apresentadas, esta etapa só poderá ser efetivamente cumprida depois da aprovação pela entidade responsável pelo projeto, do primeiro *protótipo* da interface para o *website*. Entretanto, cabe ainda acrescentar a essa etapa da metodologia a relevância do acompanhamento do profissional, a equipe de design e programação, que executará a implantação do *Plano da AI*, assumindo a liderança de elaboração do site e acompanhando cada desenvolvimento. Na disponibilização do site, cabe ainda ao projetista da AI a verificação de sua usabilidade e acesso à informação. Aconselhamos, portanto, a execução de um *Plano de Usabilidade* baseada no protótipo desenvolvido por Sousa e Santos (2016, p. 193 a 198), sintetizado na figura a seguir:

Figura 12- Síntese de *Plano de Usabilidade* recomendado

Etapas	Descrições
Propósito	- Definir a finalidade do teste de usabilidade e seu foco.
Metodologia	- Descrever como a pesquisa irá ocorrer, procedimentos adotados, material utilizado, definir quantidade e perfil de participantes

Ambiente de Teste	- Descrever o ambiente em que será realizado o teste
Avaliador	- Definir atitudes e perfil do avaliador que aplicará o teste
Medidas de Avaliação	- Definir medidas coletadas durante o teste, por exemplo, desempenho dos avaliados, comportamento, erros, tempo de execução, entre outros.
Relatório dos Resultados	- Agrupar os resultados dos testes realizados e elaborar relatório da análise dos mesmos de forma minuciosa, identificando os motivos das dificuldades dos participantes.
Recomendações	- Elaborar recomendações para as problemáticas encontradas na análise dos testes e calendário de aplicabilidade das soluções no site

Fonte: Adaptado de Souza e Santos (2016)

Para Sousa e Santos (2016, p. 193), “[...] Plano de Usabilidade é um artefato da Engenharia de Software que guia a equipe na validação do produto quanto à interação sistema-usuário, verificando a eficácia do modelo conceitual projetado pelos designers na interface”. Essa etapa se faz necessária não só após disponibilização do website na web, ela deve ser um exercício previsto no *Plano da Arquitetura da Informação* para ser desenvolvido com regularidade, pois de acordo com Cunha; Amaral e Dantas (2004, p.60),

A prestação de serviços de informação com qualidade pressupõe investigações regulares utilizando as técnicas do estudo de usuários, principalmente se considerarmos as mutações aceleradas do ambiente de informação a partir da evolução da Tecnologia da Informação.

Destarte, para que o sistema implantado seja responsivo ao usuário e eficiente na disposição da informação, é preciso essa atenção por parte do projetista da AI e principalmente, o reconhecimento dessa importância pela entidade que mantém o site.

Em consideração ao fato de não existir, até então, um site sobre o conteúdo do Projeto SESA disponível na web, as últimas etapas de elaboração da Arquitetura da Informação voltada ao site do projeto não poderão ser executadas até o presente momento. Mas, é clara a necessidade da continuação

deste estudo ao que concerne às fases de disponibilização do *website* pronto na rede e, posteriormente, a análise de seu uso e aplicabilidade voltado às necessidades dos usuários. Como aponta Ferreira e Reis (2008, p. 290), em seus estudos na pesquisa e análise das percepções dos Arquitetos de Informação no Brasil com relação aos seus próprios métodos de trabalho, “[...] as atividades de que os entrevistados sentem falta nas suas metodologias são: testes de usabilidade, [...]”. Logo, esse seria um ponto a ser observado na colaboração dos métodos de estudo adotados pelos arquivistas ao que concerne sobre análise dos uso e usuários do acervo, de como poderíamos, talvez, adaptar essa metodologia à Arquitetura da Informação de *website*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que realmente interessa é a pesquisa. Esta é a maior finalidade básica da ciência. A metodologia é somente instrumento para chegarmos lá. Discutimos os caminhos possíveis, os já vigentes, os que poderíamos inventar, os discutíveis, os que já se superaram, e assim por diante. Não vale a pena entreter-se de tal modo com questões metodológicas que não cheguemos a fazer a pesquisa. Assim, mais importante que botar defeito metodológico em tudo é fazer a pesquisa, ou seja, pôr-se à construção das ciências sociais.
(DEMO, 1985, p.22)

Tendo como base o que propõe Demo (1985, p.22) ao falar que a pesquisa é a fase mais importante para a finalidade básica da ciência, nós nos apoiamos a essa máxima ao decidirmos levar em consideração a necessidade da construção do conhecimento em primeiro momento pelo aprofundamento da pesquisa nesse possível diálogo entre a Arquivística e Arquitetura da Informação, antes de estabelecermos uma tangível convergência em uma prática.

Inicialmente, estabelecemos um levantamento da literatura que nos propiciasse uma aproximação com as áreas, em primeiro momento, com a possibilidade de uma interação dialógica embasada aos estudos de Bakhtin na construção do conhecimento. Em seguida, aprofundamo-nos na trajetória histórica do nosso objeto de estudo, que foi possível enxergar o acesso facilitado à informação, como o fator principal do desenvolvimento dessas duas áreas.

Cabendo em seguida, o entendimento das funções, diálogos e metodologias dessas, como também o embasamento teórico focado aos nossos objetivos: a elaboração de uma proposta voltada à construção do *website* do Projeto SESA, a qual desenvolvemos com base em metodologias da Arquivística e Arquitetura da Informação, fruto do diálogo da nossa investigação. Portanto, essa proposta, procurou promover uma metodologia voltada ao acesso facilitado da informação, onde a compreensão responsiva dos usuários no *website* seja protagonista para uma eficiente arquitetônica informacional. Esse estudo procurou, assim, expor a trajetória de construção do conhecimento dos

pesquisadores, deixando claro que o exposto, foi apenas um pequeno compilado do que tivemos acesso, nos fazendo compreender que ainda existe muito a explorar.

Entretanto, dificuldades encontradas no nosso percurso precisam de um espaço nessa discussão. Pois, a instabilidade metodológica encontrada no campo da AI nos deixou em muitos momentos confusos de sua prática e com um sentimento de inacabamento a respeito da concepção de um completo conhecimento na disciplina. Igualmente a trajetória de construção da nossa metodologia, foi também um exercício que nos exigiu mais tempo do que o previsto, sendo necessário uma constante consulta à literatura, pelas diversas lacunas que tínhamos e que fomos suprindo à medida que encontrávamos novas informações durante todo o percurso.

Pelas dificuldades encontradas, nos foi coerente expor a trajetória de investigação a qual nos propusemos, para que o desenvolvimento desse diálogo se expanda, apesar de não sermos profissionais da área da AI e de ainda não possuímos um total conhecimento com relação a suas metodologias. Porém, acreditamos que o levantamento da literatura aqui exposto já nos faz cogitar o desenvolvimento desse diálogo das áreas, tendo em vista a escassa literatura que trata diretamente sobre as semelhanças da AI e Arquivística.

É importante destacar, também, que há de se pensar em uma revisão curricular que abra maior espaço para essa discussão dentro dos cursos de graduação de Arquivologia para que possamos sair da superficialidade no tocante à Arquitetura da Informação e ao tratamento e à organização das informações na *web*, acompanhando de fato a sociedade da informação e suas necessidades, fortalecendo igualmente a Arquitetura da Informação no tocante ao estabelecimento de suas metodologias quanto exposta a novos diálogos dentro da academia.

REFERÊNCIAS

- ADOLFO, L. B.; SILVA, R. C. P. A arquivística e a arquitetura da informação: uma análise interdisciplinar. **Arquivística.net**, v. 2, n. 1, 2006.
- ALQUATI BISOL, Cláudia. Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. **Estudos de Psicologia**, vol. 29, out./nov., 2012, pp. 719-726. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/pdf/3953/395335581008.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2018.
- ALVES, Camila Augusta Lima ; CABRAL, Maria Cristina Balbino Ribeiro; OLIVEIRA, Lígia Santos de. **Diálogos entre Arquivologia, Ciência da Informação e História: uma conversa possível**. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA - CNA, 7., 2016, Fortaleza. Anais eletrônicos...Revista Analisando em Ciência da Informação - RACIn, João Pessoa, v. 4, n. especial, p. 35-50. Disponível em: <http://racin.arquivologiauepb.com.br/edicoes/v4_nesp/> Acesso em: 18 nov. 2018.
- ARBOIT, Aline Elis; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Conhecimento e linguagem na organização do conhecimento: aspectos dialógicos a partir da concepção de bakhtin. **Sistema eletrônico de administração de conferências, ENANCIB**, 2013. Marília, n.11, out./nov. 2013. Disponível em: <<http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/xivenancib/paper/view/158>>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS. Núcleo Regional de São Paulo. **Dicionário de Terminologia Arquivística**. São Paulo: Núcleo Regional de São Paulo; Secretaria Estadual de Cultura, 1996
- BAKHTIN, M. (V. N. Volochínov). **Estética da criação verbal**; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra.-5^o ed.-São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.(Original publicado em 1992).
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem** (M. Lahud & Y. F. Vieira, Trads.) (10a ed.). São Paulo: HUCITEC, 1999. (Original publicado em 1929).
- BESSA, Clécida Maria Bezerra; PINTO, Márcia Ozinete de Alcântra Pinto. Tecendo Mais uma Manhã: Uma pontinha de Prosa Sobre Dialogismo. In: ALMEIDA, Maria de Fátima. **Bakhtin/Volochínov e a Filosofia da Linguagem**: ressignificações. Recife: Bagaço, 2011. p. 143-160.
- BISOL, Cláudia Alquati. Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas. v. 29, supl. 1, p. 719-726, Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2012000500008&script=sci_abstract&tlng=es> Acesso em: 6 nov.2018.

BORKO, H. Information Science: **What is it? American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968. (Tradução Livre). Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3433774/mod_resource/content/1/Oque%C3%A9CI.pdf> Acesso em: 10 nov. 2018.

CAMARGO, Liliane Soares de Araújo de. **Metodologia de desenvolvimento de ambientes informacionais digitais a partir dos princípios da arquitetura da informação**. 2010. 289 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103357>>. Acesso em: 15 set. 2018.

CUNHA, Murilo Bastos da; AMARAL, Sueli Angélica do; DANTAS, Edmundo Brandão. **Manual de estudo de usuários da informação**. São Paulo, SP: Atlas, 2015. 448p.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CURADO, Odilon Helou Fleury. **Linguagem e Dialogismo**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 26-33, v. 11.

Demo, Pedro, **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40353/4/01d17t02.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; REIS, Guilherme. A prática de Arquitetura de Informação de websites no Brasil. **Transinformação**. Campinas, v. 20, n. 3, p. 285-307, Dec. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v20n3/07.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2018.

FISCHER, Gustavo. Do audiovisual confinado às audiovisuais soterradas em interfaces enunciativas de memória. In: KILPP, Suzana et al. **Tecnocultura audiovisual: temas, metodologias e questões de pesquisa**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

FONSECA, Maria Odila Kahl. **Arquivologia e ciência da**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GOMES, Liliana Isabel Esteves. A importância do estudo orgânico funcional na investigação arquivística: o caso da Administração da Universidade de Coimbra. In: SANTOS, Eliete Correia dos; SILVA, Alzira Karla Araújo da; CARVALHO, Ediane Toscano Galdino de. **Arquivologia: história, tipologias e práticas profissionais**. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

LARA FILHO, D. O fio de ariadne e a arquitetura da informação na www. **DataGramZero**, v. 4, n. 6, 2003. Disponível em: < <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/3697>>

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. Ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2004.

LUZ, Charley. **Primitivos Digitais: uma abordagem arquivística**. Salvador: 9Braavos, 2015.

MORVILLE, Peter; ROSEFELD, Louis. **Information architecture for the world wide web**. 3 ed. Sebastopol, CA, EUA: O'reilly Media, 2006.

OLIVEIRA, HPC, VIDOTTI, SABG, and BENTES, V. **Arquitetura da informação**. In: **Arquitetura da informação pervasiva** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 43-74. ISBN 978-85-7983-667-1. Disponível em < <http://books.scielo.org/>> Acesso em: 9 ago. 2018

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática** 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

REIS, Guilherme Almeida dos. **Centrando a arquitetura de informação no usuário**. 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/2062138-Centrando-a-arquitetura-de-informacao-no-usuario.html>> Acesso em: 2018-11-28.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. Innarelli, Humberto Celeste. SOUSA, Renato Tarciso Batista de. **Arquivística: temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento**. 2 ed: Distrito Federal: SENAC, 2008. 224 p.

SANTOS, Eliete Correia dos; FRANÇA, Henrique Elias Cabral; SANTOS FILHO, José Janduy dos (Orgs). **Dez Anos de Seminário de Saberes Arquivísticos: SESA: Memória e contribuição para a arquivologia**. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

SANTOS, Eliete Correia dos. **A Origem do Projeto SESA**. In: **Dez Anos de Seminário de Saberes Arquivísticos: SESA: Memória e contribuição para a arquivologia**. SANTOS, Eliete Correia dos; FRANÇA, Henrique Elias Cabral; SANTOS FILHO, José Janduy dos (Orgs). Campina Grande: EDUEPB, 2017, 25-33p

SANTOS, Eliete Correia dos. **A Cooperação Acadêmica e a Interdisciplinaridade do Projeto SESA**. In: **Dez Anos de Seminário de Saberes Arquivísticos: SESA: Memória e contribuição para a arquivologia**. SANTOS, Eliete Correia dos; FRANÇA, Henrique Elias Cabral; SANTOS FILHO, José Janduy dos (Orgs). Campina Grande: EDUEPB, 2017, 73-86p.

SANTOS, Eliete Correia dos. **Uma Proposta dialógica de ensino de gêneros acadêmicos: nas fronteiras do Projeto SESA**. 2013, 418p. Tese (Doutorado) – Doutorado em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, UFPB.

SILVA, Armando Malheiro da. **Arquivologia e gestão da informação/conhecimento**. Informação & Sociedade: Estudos, vol. 19, n.º 2,

maio/ago. 2009, p. 47-52. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/26548>> Acesso em 12 out. 2018.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda, Ramos, Júlio & Real, Manuel Luís. **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda; RAMOS, Júlio; REAL, Manuel Luís. **Arquivística**: Teoria e Prática de uma Ciência da Informação. Volume 1. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SILVA, Eliceu Modesto da. SILVA FILHO, José Cabral da. Dialética Dentro da Arquivologia. In: SANTOS, Eliete Correia dos. MELO, Josemar Henrique de. ARAÚJO, Claudialyne da Silva. Campina Grande. **Seminário de saberes arquivísticos (SESA)**: interfaces do aprendizado na universidade.: EDUEPB, 2017. p. 163-172

SILVA, Maria Amélia Teixeira da. **Arquitetura da Informação aplicada a leitores de e-book**: avaliando a interface do Kindle III Wi-Fi. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em ciência da informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

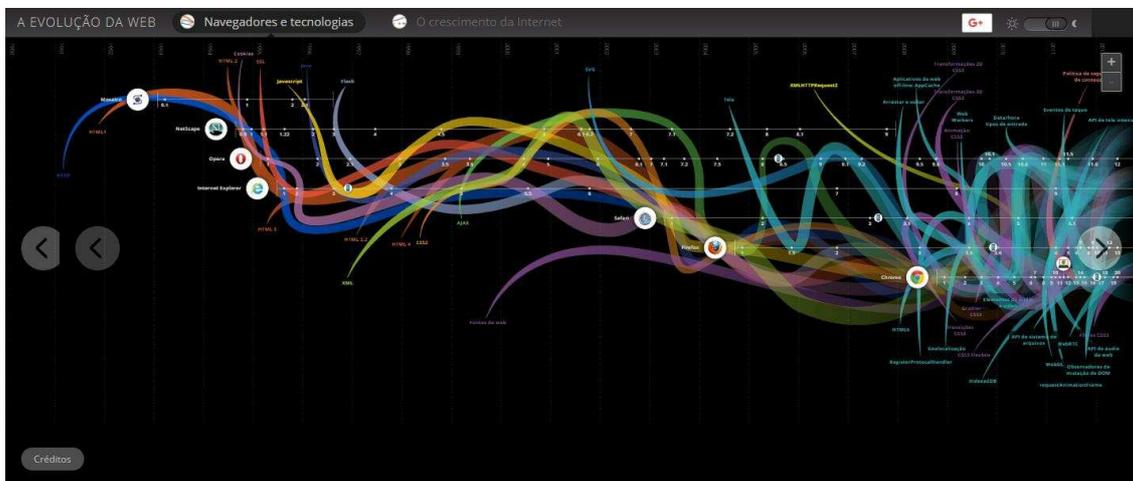
SILVA, Maria Amélia Teixeira da; PINHO NETO, Júlio Afonso Sá de ; DIAS, Guilherme Ataíde. Arquitetura da Informação para quê e para quem?: uma reflexão a partir da prática em ambientes informacionais digitais. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. v. 18, n. 37. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/issue/view/2019> > Acesso em: 15 out 2018.

SOUSA, Kelly Cristina Trajano de; SANTOS, Eliete Correio dos. Plano de usabilidade para melhoria da interação nos ambientes virtuais de aprendizagem. SANTOS, Eliete Correia dos Santos; SOUZA, Fábio Marques de; SOUSA, Kelly Cristina Trajano de. In: **Tecnologias Educacionais e Inovação**: diálogos e experiências. Curitiba. Appris. 2016.

VELLOSO, Fernando de Castro. **Informática**: conceitos básicos. 8.ed. Rio de Janeiro. Elsevier, 2011.

ANEXOS

ANEXO A

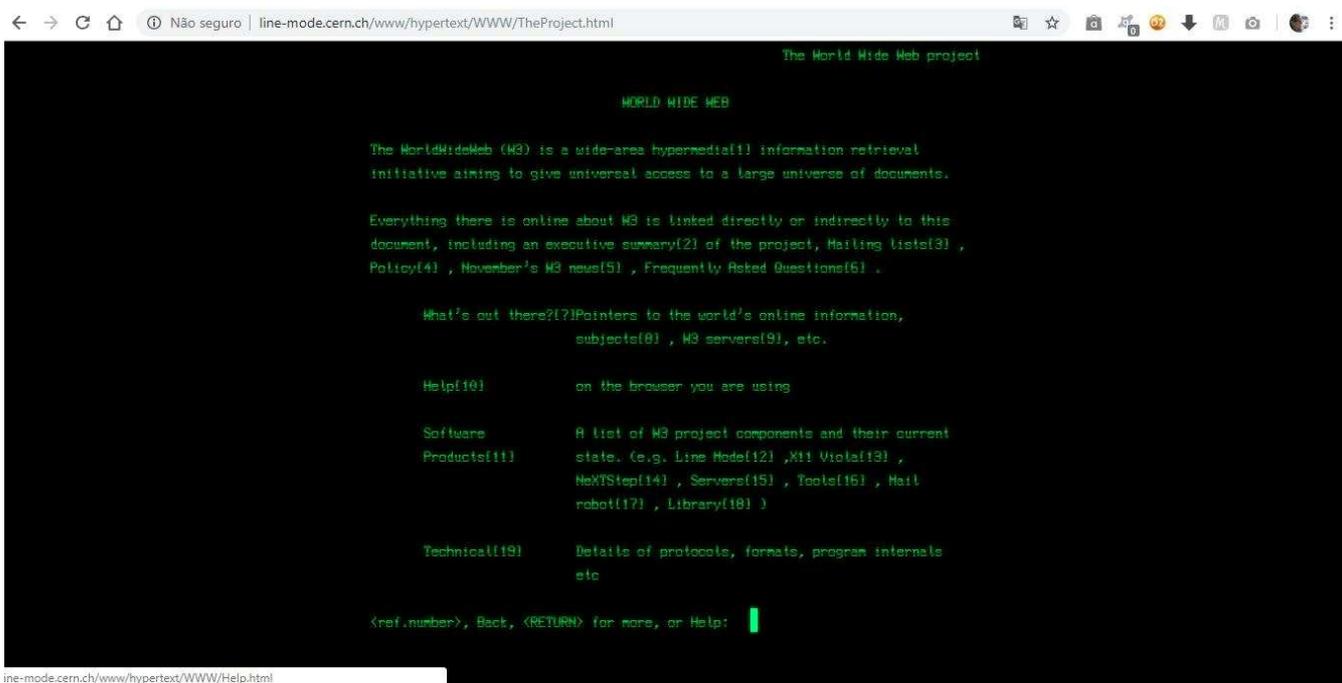
Infográfico *Evolution of Web*

Evolution of Web disponível em: <http://evolutionofweb.appspot.com/>

Acesso em: 02. Nov. 2018

Anexo B

Imagem do primeiro *website* desenvolvido e disponível na *web* por Tim Berners-Lee



Disponível em :

<http://line-mode.cern.ch/www/hypertext/WWW/TheProject.html>

Acesso em: 02. Nov. 2018

ANEXO C

Imagem da interface do *website* da empresa Apple em 1997

The screenshot shows the Apple website homepage from 1997. At the top, there is a navigation bar with links like 'Find It', 'Product Information', 'Customer Support', 'Technology & Research', 'Developer World', 'Groups & Internets', 'Resources Online', and 'About Apple'. Below this is a main banner area with the text 'Welcome to Apple 1997' and a large advertisement for 'Introducing CyberDrive' with the headline 'Register today for a free CD-ROM'. To the right of the banner are small promotional boxes for 'EMERTE 300' and 'MOVIES FROM MARS'. The main content area is divided into several columns of text, including sections like 'What's Hot', 'Preorder Mac OS 8', 'Be the First to Know', 'Newton Connects', 'Welcome to Mars', 'Boston Mac Party', 'CORPORATE UPDATES', 'Windows 95 Floppies', 'TIL of Tomorrow', 'Ultimate UltraLight PowerBook', 'Macs Unmasked', and 'World's Fastest Home Computer'. A 'Recent Stories' section is located at the bottom of the main content area. The footer contains copyright information for 1997 Apple Computer, Inc. and a link to 'info@apple.com'.

Disponível em:

<<https://web.archive.org/web/19970404064444/http://www.apple.com:80/>>

Consultado em: 02. Nov. 2018

Imagem da Interface do *website* da empresa Apple em 1999

INTERNET ARCHIVE
waybackmachine

http://www.apple.com:80/ Go MAY AUG OCT
83,645 captures
22 Oct 1995 - 15 Nov 2018
27
1998 1999 2000
About this capture

Apple

iMac to go.
Introducing iBook.



August 27, 1999, 10:41 a.m. PT

Hot News Headlines

The Apple Store
Buy now
and receive
additional
128 MB RAM
free.

AirPort
Turn your iBook into a wireless
Internet surfing machine.

Intercasters debut new content on our
high performance network for digital media.
Q TV
QuickTime TV

The Apple Store | Hot News | Products | Design & Publishing | Developer
About Apple | Support | Education | Where to Buy | 

Search Shortcut
Search Tips | Site Map | Extended | Index

The Apple Store | Hot News | About Apple | Products | Support
Design & Publishing | Education | Developer | Where to Buy | Home
Mac Products Guide | Job Opportunities at Apple | Apple & Year 2000

Visit other Apple sites around the world: Choose... Go

[Contact Us](#) | [Privacy Notice](#)
Copyright © 1999 Apple Computer, Inc. All rights reserved.

Disponível em:

<<https://web.archive.org/web/19990505180008/http://www.apple.com:80/>>

Acesso em: 02. Nov. 2018

ANEXO D

Free-listing de autoria nossa desenvolvida com um dos perfis de usuários do *website* do Projeto SESA para a construção do primeiro protótipo

The screenshot displays a Taskade workspace interface. At the top, there are navigation buttons for 'Example Lists' and 'New List', a profile picture, and a 'Copy Link' button. The main workspace contains a pinned note with the following text:

★ Pinned
 ★ Vamos pensar o Site do Projeto SESA juntos, que tal? crescente na lista a baixo sugestões de conteúdos, menus, links e demais aspectos que você queira encontrar nesse portal. O projeto SESA é um projeto de extensão e pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba em parceria com universidades nacionais e internacionais, voltadas as áreas de Ciência da Informação e Comunicação. Essa lista servirá para fins de pesquisa acadêmica e elaboração do projeto do Website Projeto SESA.

Below the note is a checklist with the following items:

- Página inicial (com informação breve sobre o projeto e com destaques considerados necessários, como por exemplo, com dicas e novidades do próximo evento.
- O projeto (apresentação completa do projeto)
- Equipe (Imagem e pequeno currículo de cada integrante)
- Eventos (apresentando como se deu cada ano desde a criação, com trabalhos apresentados, e entre outras atividades. Mostrar também fotos e vídeos
- Acessibilidade
- Aba para interessados no próximo evento (com todas informações necessárias)
- Opção de pesquisar no site
- Área de download para algum material que possa ser oferecido aos usuários, como um e-book, por exemplo.

At the bottom right of the workspace, there is a 'How to Use' link. The interface also shows a sidebar on the right with a 'Send message...' input and various communication icons.

<<https://www.taskade.com/e/pdjzaoFmaNjrk3Wr>>